

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PÂMELA MARTINS MAIER

**PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DE FERRAMENTAS DA CONTABILIDADE
GERENCIAL EM UMA EMPRESA DO RAMO DE RADIODIFUSÃO LOCALIZADA
NO SUL DE SANTA CATARINA**

CRICIÚMA

2016

PÂMELA MARTINS MAIER

**PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DE FERRAMENTAS DA CONTABILIDADE
GERENCIAL EM UMA EMPRESA DO RAMO DE RADIODIFUSÃO LOCALIZADA
NO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel, no curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva.

CRICIÚMA

2016

PÂMELA MARTINS MAIER

**PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DE FERRAMENTAS DA CONTABILIDADE
GERENCIAL EM UMA EMPRESA DO RAMO DE RADIODIFUSÃO LOCALIZADA
NO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Contabilidade Gerencial.

Criciúma, 30 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva – Especialista – (UNESC) - Orientador

Prof. Esp. Valcir Mantovani – Especialista – (UNESC) - Examinador

Dedico este trabalho àqueles que são essenciais para mim: minha mãe Genelita, meu irmão Peterson e meu esposo Alan.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus, pelo dom da vida. Por ter me guiado pelo caminho certo e me dado saúde, força e ânimo nesse período em meio a tantos desafios e dificuldades que surgiram nesses mais de quatro anos de graduação.

A minha mãe Genelita, por me ensinar o real valor das coisas e a não desistir dos meus objetivos. Pela força e determinação transmitida. Obrigada por ser meu alicerce.

Ao meu irmão Peterson, pois mesmo sem saber me dava força conforto e alegria quando o cansaço batia a porta.

Ao meu esposo Alan, pelo incentivo, confiança, amor e carinho de sempre. Por acreditar mais na minha capacidade do que eu mesma acredito. Obrigado por ser essa pessoa tão especial.

Agradecer aos amigos e colegas que fiz nesta caminhada, pelas boas risadas e preocupações conjuntas em sala de aula, tornando o trajeto mais leve e ao mesmo tempo desafiante.

A Maria, amiga que a faculdade me trouxe, que o trabalho aproximou mais ainda e que levarei sempre comigo. Obrigada por tudo!

A empresa que disponibilizou as informações necessárias para a realização desse trabalho.

Agradecer ao meu orientador, professor Esp. Realdo de Oliveira da Silva, pelo ensinamento transmitido, pela paciência e atenção; sempre disposto a auxiliar, contribuindo de forma muito significativa para a conclusão desta etapa.

Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente e que contribuíram de alguma forma para esta conquista, o meu muito obrigada!

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos.”

Paulo Beleki

RESUMO

MAIER, Pâmela Martins. **Proposta para implantação de ferramentas da contabilidade gerencial em uma empresa do ramo de radiodifusão localizada no Sul de Santa Catarina.** 2016. 64 p. Orientador: Realdo de Oliveira da Silva. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma – SC.

Diante da atual crise que o país enfrenta e em virtude da cada vez mais acirrada competitividade empresarial, torna-se cada vez mais indispensável a utilização de ferramentas de gestão para o acompanhamento da evolução do empreendimento e o auxílio na tomada de decisão. Nesse contexto, a implantação da contabilidade gerencial dentro da organização é fundamental, pois, através da utilização de algumas de suas diversas ferramentas torna-se possível ter uma visão mais clara da situação em que a empresa se encontra, oportunizando a tomada de decisão e possibilitando o equilíbrio e desenvolvimento da organização. Dentre essas ferramentas podemos citar o fluxo de caixa, a gestão de capital de giro e os indicadores de desempenho. O estudo utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, apresentando as referências teóricas acerca do tema abordado, o estudo de caso de caráter descritivo e natureza qualitativa, e a pesquisa participante. Dessa forma, o objetivo deste estudo é apresentar os benefícios que a implantação de algumas ferramentas da contabilidade gerencial pode trazer para uma empresa do ramo de radiodifusão, realizando o acompanhamento do desempenho econômico-financeiro da entidade no período estudado. Diante do contexto, evidencia-se a importância da aplicação do Método Fleuriet e das ferramentas da contabilidade gerencial na rotina administrativa da empresa, pois, através do levantamento das informações e implantação das ferramentas pela autora possibilitou a obtenção de uma análise de resultados eficiente, facilitando o processo decisório da organização.

Palavras-chave: Contabilidade Gerencial. Ferramentas de gestão. Indicadores de desempenho.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Diferenças Entre Contabilidade Financeira E Gerencial.....	17
Quadro 02 – Principais Atividades Do Contador Gerencial.....	18
Quadro 03 – Demonstração De Resultado	19
Quadro 04 – Balanço Patrimonial.....	20
Quadro 05 – Vantagens Do Uso Da Dfc Como Controle Gerencial	23
Quadro 06 – Estruturação Do Fluxo De Caixa – Modelo Direto.....	24
Quadro 07 – Estruturação Do Fluxo De Caixa – Modelo Indireto.....	25
Quadro 08 – Precauções Na Utilização Dos Índices Financeiros	26
Quadro 09 – Fórmula Liquidez Corrente	28
Quadro 10 – Resultados Liquidez Corrente	28
Quadro 11 – Fórmula Liquidez Seca	29
Quadro 12 – Fórmula Liquidez Geral	30
Quadro 13 – Fórmula Liquidez Imediata	31
Quadro 14 – Fórmula Endividamento Geral.....	32
Quadro 15 – Relação Entre Capital De Terceiros/Capital Próprio.....	32
Quadro 16 – Relação Entre Capital De Terceiros/Passivo Total.....	33
Quadro 17 – Margem De Lucro Bruto/Receita Líquida De Vendas.....	34
Quadro 18 – Margem Líquida.....	35
Quadro 19 – Rentabilidade Do Patrimônio Líquido	36
Quadro 20 – Balanço Patrimonial Pelo Modelo Fleuriet.....	37
Quadro 21 – Fórmula Capital Circulante Líquido	39
Quadro 22 – Fórmula Necessidade De Capital De Giro.....	40
Quadro 23 – Fórmula Saldo De Tesouraria.....	40
Quadro 24 – Demonstrativo De Resultado.....	47
Quadro 25 – Balanço Patrimonial - Ativo	48
Quadro 26 – Balanço Patrimonial - Passivo.....	49
Quadro 27 – Fluxo De Caixa Indireto	50
Quadro 28 – Cálculo Índices De Liquidez	51
Quadro 29 – Cálculo Índices De Endividamento	53
Quadro 30 – Cálculo Índices De Rentabilidade.....	56
Quadro 31 – Reclassificação Do Balanço Patrimonial Rádio Xyz.....	58
Quadro 32 – Cálculo Capital De Giro Rádio Xyz.....	59

Quadro 33 – Análise De Capital De Giro Rádio Xyz	59
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Entradas E Saídas De Caixa.....	22
Figura 02 – Efeito Tesoura.....	41
Figura 03 – Etapas Do Estudo	46
Figura 04 – Gráfico Índices De Liquidez	52
Figura 05 – Gráfico Índices De Endividamento	54
Figura 06 – Gráfico Índices De Rentabilidade.....	57
Figura 07 – Efeito Tesoura Rádio Xyz.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ativo Circulante
BP	Balanço Patrimonial
CCL	Capital Circulante Líquido
DFC	Demonstração de Fluxo de Caixa
DR	Demonstração de Resultado
NCG	Necessidade de Capital de Giro
PC	Passivo Circulante
PL	Patrimônio Líquido
ST	Saldo de Tesouraria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 TEMA E PROBLEMA E QUESTÃO DA PESQUISA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.3 JUSTIFICATIVA	14
1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 CONTABILIDADE GERENCIAL	16
2.1.1 Contabilidade Gerencial e Contabilidade Financeira	16
2.1.2 Contador Gerencial Ou <i>Controller</i>	18
2.2 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO (DR)	19
2.3 BALANÇO PATRIMONIAL (BP)	20
2.4 DEMONSTRAÇÃO DE FLUXO DE CAIXA (DFC)	21
2.4.1 Fluxo de Caixa – Modelo Direto	23
2.4.2 Fluxo de Caixa – Modelo Indireto	24
2.5 ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS	25
2.5.1 Categorias de Índices Econômico-Financeiros	27
2.5.2 Índices de Liquidez	27
2.5.2.1 Índices de Liquidez Corrente	28
2.5.2.2 Índices de Liquidez Seca	29
2.5.2.3 Índices de Liquidez Geral	30
2.5.2.4 Índices de Liquidez Imediata	30
2.5.3 Índices de Endividamento	31
2.5.3.1 Índice de endividamento geral	31
2.5.3.2 Relação de Capital de Terceiros e Capital Próprio	32
2.5.3.3 Relação Capital de Terceiros e Passivo Total	33
2.5.4 Índices de Rentabilidade	33
2.5.4.1 Margem de Lucro Bruto	34
2.5.4.2 Margem Líquida	35
2.5.4.3 Rentabilidade do Patrimônio Líquido	35
2.5.5 Método Fleuriet	36
2.5.5.1 Capital de Giro	38
2.5.5.2 Capital Circulante Líquido (CCL)	38

2.5.5.3 Necessidade de Capital de Giro (NCG).....	39
2.5.5.4 Saldo em Tesouraria (ST)	40
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	42
3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	42
3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
4 ESTUDO DE CASO	44
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....	44
4.1.1 Clientes	44
4.1.2 Serviços	45
4.1.3 Forma de Tributação.....	45
4.2 ETAPAS DO ESTUDO	45
4.3 DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS	46
4.3.1 Demonstrativo de Resultado.....	47
4.3.2 Balanço Patrimonial.....	48
4.3.3 Fluxo de Caixa Indireto – FCI	49
4.4 ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA.....	50
4.4.1 Índices de Liquidez	51
4.4.2 Índices de Endividamento	53
4.4.3 Índices de Rentabilidade	55
4.5 ANÁLISE DE CAPITAL DE GIRO	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo inicia com a apresentação do tema, que tem o foco voltado para a importância das ferramentas gerenciais, tais como: Fluxo de Caixa, Método Fleuriet na gestão de capital de giro e alguns indicadores de desempenho na gestão de uma empresa. Na sequência, apresentam-se a problematização do estudo, os objetivos, bem como a justificativa da pesquisa.

1.1 TEMA E PROBLEMA E QUESTÃO DA PESQUISA

O segmento de radiodifusão tem se transformado nos últimos anos, adaptando-se a convergência tecnológica, na qual, por meio da *internet*, se têm extrema facilidade de acessar músicas e notícias. Sua programação é especialmente direcionada para nichos como: esporte, trânsito, notícias, sertaneja, gospel, dentre outras. Diante disso, os ouvintes dos dias de hoje apresentam extrema fidelidade, ou seja, sintoniza sempre na mesma estação de rádio, não pelas músicas, mas pela programação de sua preferência. Nesse contexto, o rádio buscou seu espaço como agente de prestação de serviços local, tendo em vista que a maior parte de seu faturamento provém de mídias locais. Pouco se recebe de mídias nacionais e governamentais, e as últimas, quando surgem, não possuem prazo de pagamento determinado.

Assim, para que o segmento de radiodifusão sobreviva e evolua em meio à crise atual, em que a mídia é sempre a primeira na lista das empresas em um corte de gastos e a crescente evolução tecnológica, na qual as informações estão ao alcance de um toque por meio da *internet*, o empresário desse meio de comunicação necessita desenvolver ferramentas de gestão, que forneçam dados de acordo com suas necessidades, mantendo-se preparado para eventuais tomadas de decisões emergenciais.

No contexto apresentado, este estudo se propõe a responder a seguinte questão problema: Qual a contribuição da análise econômico-financeira na gestão de uma empresa do ramo de radiodifusão do Sul de Santa Catarina?

1.2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é identificar a contribuição das ferramentas da contabilidade gerencial para a melhora do desempenho econômico e financeiro de uma empresa do ramo de radiodifusão do Sul de Santa Catarina.

Para atingir o objetivo geral, necessita-se atender aos seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a análise econômico-financeira;
- Discorrer sobre o Método Fleuriet na Gestão de Capital de Giro;
- Apresentar por meio do estudo de caso a aplicação do Fluxo de Caixa pelo método indireto e de índices econômicos e análise de desempenho em uma empresa do ramo de radiodifusão.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em decorrência da competitividade empresarial, que a cada dia está mais crescente e em meio à dificuldade atual em que o país se encontra, percebe-se a extrema necessidade em desenvolver ferramentas de gestão, instrumentos da contabilidade gerencial, que apresentem dados que oportunizem o desenvolvimento da organização e mantenha a entidade preparada para a tomada de decisão. Dentre algumas dessas ferramentas, estão a gestão de capital de giro, essencial no contexto decisório das finanças das organizações, o Fluxo de Caixa e a análise por índices econômico-financeiros.

De acordo com Oliveira, Perez Jr. e Santos Silva (2014), a grande utilidade da elaboração do Fluxo de Caixa é o planejamento e o controle das entradas e saídas dos recursos financeiros da empresa de uma forma antecipada. Essa projeção pode ser semanal, quinzenal ou mensal, dependendo da necessidade da organização. Assim, com a adoção do Fluxo de Caixa, tudo dentro de uma empresa pode ser projetado, apresentando dessa forma, uma visão futura das finanças. Desse modo, possibilitando o conhecimento das necessidades de valores e a busca pelas melhores alternativas de fontes de captação de recursos.

Nesta direção, Souza (2009) apresenta a análise dos índices de uma empresa como sendo um método de cálculos através de fórmulas aplicados em dados das demonstrações financeiras e contábeis de determinada empresa, que

permite a avaliação da situação econômico-financeira e patrimonial das organizações.

Sendo assim, a opção por esse tema e sua contribuição teórica, deve-se ao fato de apresentar os conceitos de algumas ferramentas utilizadas na contabilidade gerencial, com a visão de autores diversos. Entretanto, sendo um processo pouco explorado no segmento de radiodifusão, surgiu o interesse na aplicação das ferramentas no objeto de estudo e apresentação dos benefícios das mesmas quando aplicados na empresa.

Portanto, a relevância desse estudo baseia-se no fato de contribuir para empresas do ramo de radiodifusão, apresentando de forma clara e objetiva as contribuições que algumas ferramentas da contabilidade gerencial podem trazer para melhorar o desempenho econômico e financeiro das entidades. Como o teor desse estudo é científico, poderá contribuir como fonte de conhecimento para organizações que buscam melhor desempenho econômico e financeiro.

Assim, para a acadêmica, esta pesquisa é de grande importância, pois lhe oportunizará crescimento intelectual, pessoal e profissional além de lhe abrir novos horizontes relacionando a prática com a teoria, possibilitando um conhecimento mais amplo acerca do assunto para utilizá-lo no dia-a-dia.

1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO

Ao final da seção introdutória, esse estudo está organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, análises e discussão dos resultados empíricos, e considerações finais. Na fundamentação teórica, está reunida a revisão literária de diversos autores com estudos teóricos e empíricos acerca das ferramentas da contabilidade gerencial, com ênfase no Fluxo de Caixa, Método Fleuriet na gestão de capital de giro e ferramentas de índices econômico-financeiros. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos com o método, abordagem, objetivos, estratégia e técnicas de pesquisa. Posteriormente, são discutidos os resultados. Finalmente, são apresentadas as conclusões e as sugestões para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta o referencial teórico que fundamenta a realização desta pesquisa, sobre algumas ferramentas utilizadas da contabilidade gerencial, enfatizando sua importância como ferramenta para obtenção de informações na empresa.

2.1 CONTABILIDADE GERENCIAL

A Contabilidade Gerencial é um segmento da contabilidade essencial para a gestão de qualquer negócio, pois é o resultado da demanda das informações da organização que auxilia os gestores na tomada de decisões eficazes.

Dessa forma, Atkinson, et al. (2011, p. 36) afirmam que:

Contabilidade Gerencial é o processo de identificar, mensurar, relatar e analisar as informações sobre eventos econômicos da organização. A informação contábil gerencial é uma das principais fontes para a tomada de decisão e controle nas organizações.

Portanto, a contabilidade gerencial fornece informações que serão imprescindíveis para a tomada de decisão dentro de uma empresa.

Silva (2012) apresenta a contabilidade gerencial como um sistema de informação necessário para uma boa administração de qualquer empresa e seu principal objetivo é apresentar informações para que os gestores possam decidir qual a melhor atitude a ser tomada.

Nesse sentido, Padoveze (2010) define a contabilidade gerencial como: fornecimento de informações para os administradores da empresa.

Por fim, a contabilidade gerencial tem como objetivo apresentar informações à administração da organização para a tomada de decisões. Para isso, ela se utiliza de informações históricas para desenvolver planejamentos que objetivam o sucesso da empresa.

2.1.1 Contabilidade Gerencial e Contabilidade Financeira

Segundo Souza (2008), a contabilidade gerencial e a financeira reportam a alocação de recursos escassos. A contabilidade gerencial fornece informações que ajudam os administradores a contratarem as aplicações, atividades internas e a

decidir quais produtos vender, onde e quando. A contabilidade financeira é a principal fonte de informação sobre a alocação dos recursos.

Portanto, a contabilidade gerencial é voltada para os diretores, gestores e funcionários. Seu propósito é fornecer informações para decisões internas, objetivando orientar a gestão com base no histórico. Porém, as características da contabilidade financeira são voltadas para os acionistas, credores, instituições bancárias e autoridade tributária. Sua finalidade é apresentar ao público externo o desempenho da organização em determinado período através das demonstrações contábeis. (ATKINSON, 2011).

O Quadro 01 apresenta as principais diferenças entre a contabilidade financeira e a contabilidade gerencial.

Quadro 01 – Diferenças entre contabilidade financeira e gerencial.

CONTABILIDADE FINANCEIRA	CONTABILIDADE GERENCIAL
Obrigatória	Opcional
Sujeita aos princípios e normas Técnicas da contabilidade.	Inexistência de princípios: as empresas desenvolvem seus próprios princípios bem como os sistemas e procedimentos de mensuração, de acordo com as necessidades de cada empresa.
Natureza retrospectiva. As Informações reportam desempenho.	Natureza prospectiva: inclui projeções e estimativas dos resultados prováveis das decisões.
Enfatiza a confiabilidade e a objetividade das informações.	Pode incluir informações oriundas de expectativas pessoais do tomador de decisões. Portanto, a subjetividade é um elemento de grande presença.
Proporciona informações de caráter geral para investidores, analistas de mercado, concedente de crédito comercial ou financeiro. Portanto tem propósito geral.	Proporciona informações específicas aos usuários em cada situação em que sejam necessários.
As informações são severamente resumidas.	As informações podem ser bastante detalhadas.
Os relatórios são feitos em moeda corrente, apenas alguns quadros suplementares e notas explicativas são fornecidos.	Comunica as informações não financeiras, especialmente aquelas que são consideradas operacionais, tais como quantidades produzidas e vendidas, preços, resultados, quantidade por canal de venda, por região geográfica e outras da espécie.

Fonte: Souza (2008, p. 21).

Então, podemos observar que a contabilidade financeira tem seu foco voltado para a elaboração de relatórios para o controle do patrimônio das empresas,

e a contabilidade gerencial fornece dados para suprir as informações internas da organização.

2.1.2 Contador Gerencial Ou *Controller*

O contador gerencial, também conhecido como *controller*, tem como principal função dentro da organização a assessoria. Seu departamento tem a responsabilidade de prestar serviços especializados aos administradores da entidade. (CREPALDI, 1998).

Padoveze (2003, p. 36) cita que:

O *controller* pode e deve exercer influência junto aos demais gestores e o faz pelo conhecimento da ciência da gestão econômica. Em outras palavras, o conhecimento da empresa como um todo e o conjunto dos planos de ação, associados ao conhecimento científico da administração, permitem ao profissional de controladoria exercer um papel influenciador.

Assim, o contador gerencial tem por finalidade garantir informações essenciais para o processo decisório. No quadro 02 encontram-se algumas das principais atividades desse profissional, segundo Figueiredo e Caggiano:

Quadro 02 – Principais Atividades do Contador Gerencial.

Planejamento: estabelecer e manter um plano integrado para as operações de acordo com os objetivos e metas da empresa, que deve ser analisado e revisado constantemente.

Controle: desenvolver e revisar constantemente os padrões de avaliação de desempenho para que sirvam como guias de orientação, aos outros gestores no desempenho de suas funções, assegurando que o resultado real das atividades esteja em conformidade com os padrões estabelecidos.

Informação: preparar, analisar e interpretar os resultados financeiros para serem utilizados pelos gestores no processo de tomada de decisão, avaliar os dados, tendo como referência os objetivos da organização; preparar as informações para o uso externo para que atendam as exigências do governo, aos interesses dos acionistas, das instituições financeiras, dos clientes e do público em geral.

Contabilidade: delinear, estabelecer e manter o sistema de contabilidade geral e de custos em todos os níveis da empresa, mantendo o registro de todas as transações financeiras nos livros contábeis de acordo com os princípios de contabilidade e com finalidades de controle interno. Preparar as demonstrações financeiras externas de acordo com as exigências do governo.

Outras Funções: administrar e supervisionar cada uma das atividades que impactam o desempenho salarial, com impostos federais, municipais e estaduais, envolvendo-se até mesmo com negociações com as autoridades fiscais, quando necessário. Manter relacionamento adequado com os auditores internos e externos; estabelecer plano de seguro, desenvolver e manter sistemas e procedimentos de registros; supervisionar a tesouraria; instituir programas de financiamento; e muitas outras atividades.

Fonte: Adaptado Figueiredo e Caggiano (1997, p. 27).

Por isso, o papel do *controller* dentro da empresa é de suma importância, pois, em várias situações ele é consultado para que ofereça sugestões sobre determinada decisão, mesmo que a palavra final pertença ao gestor da empresa.

2.2 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO (DR)

O Demonstrativo de Resultado apresenta a situação econômica da organização em determinado período.

Segundo Morante (2007), a demonstração do resultado do exercício tem por objetivo mensurar de forma resumida as operações da entidade em determinado exercício. Esta é básica para analisar a rentabilidade das organizações.

Para Matarazzo (2010), a demonstração do resultado evidencia o desempenho da empresa no decorrer de determinado período. Ela apresenta a receita de vendas, deduzida dos custos, despesas e impostos até se chegar ao resultado do exercício. O Quadro 03 apresenta o modelo de demonstração de resultado.

Quadro 03 – Demonstração de resultado

Demonstração de Resultado
Receita Bruta de Vendas
(-) Impostos sobre Vendas
(-) Devoluções, Descontos Comerciais e Abatimentos
Receita Líquida
(-) Custo de Vendas
Lucro Bruto
(-) Despesas de Vendas
(-) Despesas Administrativas
(-) Despesas Financeiras
(-) Despesas Operacionais
(+) Outras Receitas Operacionais
Lucro Antes do Imposto de Renda
(-) Provisão para Imposto de Renda
(-) Participação de Debêntures, Empregados, Administradores e Partes Beneficiárias
Lucro Líquido do Exercício

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2012).

Diante desses expostos, a finalidade dessa demonstração é exclusivamente evidenciar o lucro ou prejuízo do exercício, reunindo todas as receitas, ganhos, despesas e perdas do período, independentemente dos recebimentos e pagamentos. (ASSAF NETO, 2012).

Então, pela demonstração do resultado, torna-se possível identificar a situação econômica da empresa. Através das receitas, custos e despesas, o demonstrativo evidencia a formação do patrimônio líquido do exercício analisado.

2.3 BALANÇO PATRIMONIAL (BP)

O Balanço Patrimonial é uma demonstração contábil que apresenta todos os bens, direitos, obrigações e patrimônio líquido de uma empresa em determinado período.

De acordo com Morante (2007) o BP é a representação monetária do conjunto de bens, direitos e obrigações e o valor investido pelos sócios de uma empresa. Apresenta o total dos ativos, que são as aplicações dos recursos da entidade, bem como o total do passivo (origens de recursos que financiam os ativos). Os recursos apresentados no passivo provenientes de terceiros são chamados passivos exigíveis, enquanto que os passivos próprios ou não exigíveis são denominados Patrimônio Líquido.

No Quadro 04 é demonstrado o modelo de Balanço Patrimonial.

Quadro 04 – Balanço Patrimonial

Balanço Patrimonial	
ATIVO	PASSIVO
ATIVO CIRCULANTE	PASSIVO CIRCULANTE
Disponibilidades	Empréstimos e Financiamentos
Aplicações Financeiras	Debêntures
Clientes	Fornecedores
(-) Duplicatas Descontadas	Impostos e Valores a Recolher
Outros Créditos	Outras Obrigações
(-) Prov. Crédito de Liquidação Duvidosa	Provisões
Estoques	
Despesas Antecipadas	PASSIVO NÃO CIRCULANTE
	Passivo Exigível a Longo Prazo
	Empréstimos e Financiamentos
	Debêntures
	Outras Obrigações
ATIVO NÃO CIRCULANTE	PATRIMÔNIO LÍQUIDO
Realizável a Longo Prazo	Capital Social Integralizado
Créditos Diversos	Reservas
Investimentos	Ajuste de Avaliação Patrimonial
Imobilizado	(-) Ações em Tesouraria
Intangível	

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2012).

Segundo Assaf Neto (2012), no Brasil o BP é dividido em três grupos: Ativo, Passivo Exigível e Patrimônio Líquido. Na nova legislação societária, o ativo e o passivo são divididos entre circulante e não circulante.

Diante disso, o ativo apresenta os bens e direitos que existem concretamente na organização, todos podem ser vistos, tocados ou comprovados por meio de documentos. O Passivo e o Patrimônio Líquido mostram as origens dos recursos que se encontram no ativo. (MATARAZZO, 2010).

2.4 DEMONSTRAÇÃO DE FLUXO DE CAIXA (DFC)

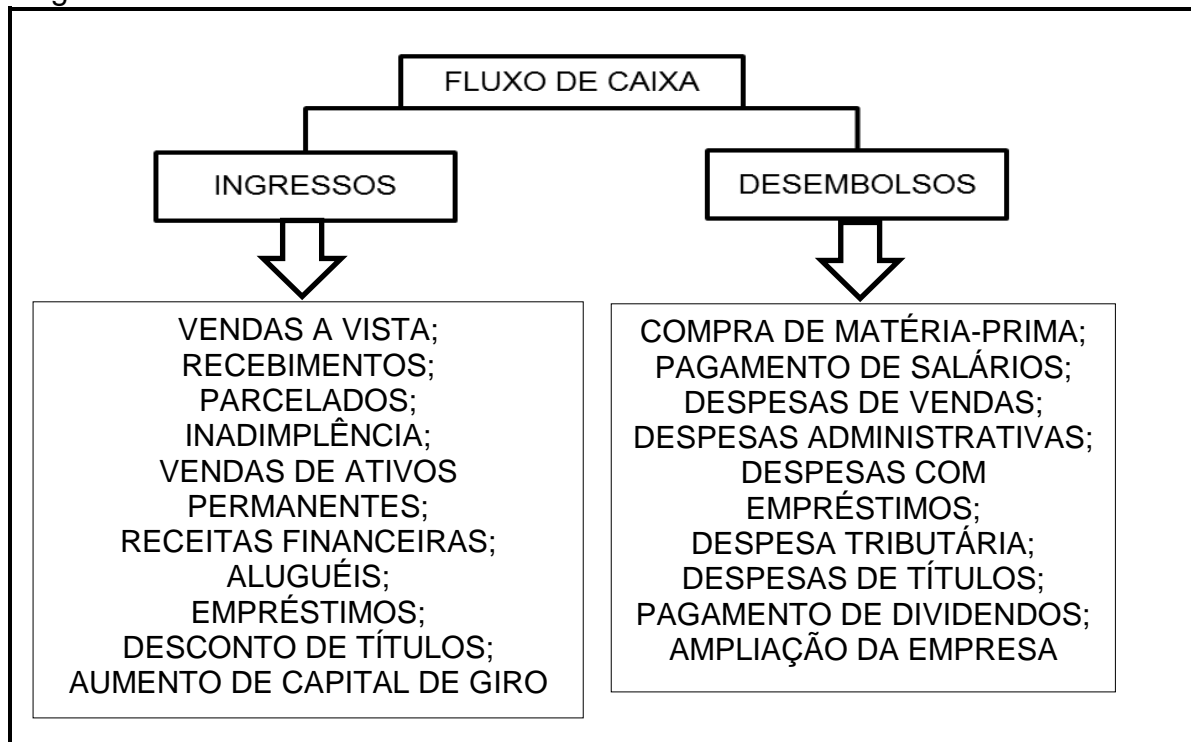
A Demonstração de Fluxo de Caixa indica a origem de todas as entradas de dinheiro no caixa, bem como a aplicação de todo valor que saiu em determinado período.

Desse modo, essa ferramenta propicia ao gerente financeiro, a elaboração de um melhor planejamento. Por meio do planejamento financeiro, o gerente saberá o momento certo em que contrairá empréstimos para cobrir a falta de fundos, bem como aplicar no meio financeiro. (MARION, 2003).

Sendo assim, Souza (2009) afirma que a empresa de pequeno porte tem no relatório de Fluxo de Caixa um forte instrumento de gestão, e a demonstração pode ser elaborada com base nos próprios controles de caixa, banco e aplicações financeiras, por exemplo. A Demonstração de Fluxo de Caixa deverá conter três separações de atividades, operacional, investimento e financiamento. Sendo que, a atividade operacional indica os recebimentos e pagamentos que envolvem a operação principal da empresa, a atividade de investimento indica a movimentação de ativos fixos, aquisição e venda de imobilizado, dentre outros, e a atividade de financiamento indica se a empresa está buscando recursos junto a bancos, sócios, proprietários, ou se está amortizando esses tipos de obrigações.

Segundo Azevedo (2008) a DFC pode ser elaborado por dois métodos: o método direto e o método indireto. O método direto tem por objetivo discriminar todas as entradas, que são as origens e saídas, que são as aplicações de valores do caixa, para justificar a variação encontrada nessa conta. Logo, o método indireto parte do lucro líquido do exercício, regime de competência, efetuando os ajustes necessários de valores para justificar a variação encontrada na conta caixa. A Figura 01 apresenta as principais entradas e saídas de caixa da organização.

Figura 01 – Entradas e Saídas de Caixa



Fonte: Silva (2013).

Para Oliveira, Perez Jr. e Santos Silva (2014, p. 274),

É importante planejar corretamente o fluxo de caixa da empresa, pois o administrador precisa saber exatamente quanto de dinheiro está disponível e se esses recursos serão o suficiente para cumprir com suas obrigações, a combinação de entrada e saída de dinheiro pode resultar em saldo positivo ou negativo.

No Quadro 05 podem-se observar algumas vantagens da utilização do Fluxo de Caixa como controle gerencial:

Quadro 05 – Vantagens do uso da DFC como controle gerencial

- Facilidade no entendimento para o usuário que não é familiarizado com a contabilidade;
- Possibilita, com antecedência, a análise e o cálculo na seleção das linhas de crédito a serem obtidas junto às instituições financeiras;
- Permite a programação de entradas e saídas de caixa, apresentando a previsão do período em que deverá ocorrer a insuficiência ou sobra de recursos, havendo tempo para medidas necessárias;
- Facilita a programação dos desembolsos de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos em épocas com poucos recursos;
- Proporciona o hábito do uso racional e eficiente dos valores disponíveis;
- Permite o uso de um programa saudável de empréstimos e financiamentos, visando a diminuição dos valores gastos com encargos financeiros;
- Apresenta uma visão abrangente da integração e participação de todas as atividades da entidade, facilitando os controles financeiros e selecionando as alternativas que criem valor para o acionista.

Fonte: Adaptado Perez Jr. E Santos Silva (2014).

Portanto, as informações que o Fluxo de Caixa fornece são úteis, pois facilitam o entendimento da real situação da empresa e sua capacidade de geração de caixa. Através dessa ferramenta pode-se prever, acompanhar e controlar todas as informações que se referem a entradas e saídas de dinheiro na organização, auxiliando assim a tomada de decisão no que se refere a manutenção e crescimento da empresa.

2.4.1 Fluxo de Caixa – Modelo Direto

O Fluxo de Caixa pelo Método Direto é também chamado de Fluxo de Caixa no sentido restrito. Nele são demonstrados todos os recebimentos e pagamentos que ocorrem. As entradas e saídas do caixa são evidenciadas começando pelas vendas. A partir daí, são considerados todos os recebimentos e pagamentos oriundos das operações ocorridas no período. Pode-se, assim, verificar que esse modelo possui um poder informativo bastante superior ao do método indireto, sendo melhor tanto aos usuários externos quanto ao planejamento financeiro da organização. (MARION, 2003).

De acordo com Hoji (2000, p. 298), o método direto é aquele que “facilita a visualização e a compreensão do fluxo financeiro, pois demonstra os recebimentos e pagamentos provenientes das atividades operacionais”. O Quadro 06 apresenta estruturação do Fluxo de Caixa pelo modelo direto.

Quadro 06 – Estruturação do Fluxo de Caixa – Modelo Direto

I – ATIVIDADE OPERACIONAL
Recebimento de Vendas
(-) Pagamento de Compras
Caixa Bruto obtido nas Operações
(-) Despesas Operacionais Pagas de Vendas
Administrativas
Caixa Gerado no Negócio
(-) Despesas Financeiras Pagas
Caixa Gerado após as Operações Financeiras
II – ATIVIDADE DE INVESTIMENTOS
(-) Aquisição de Permanentes
Móveis e Utensílios
Terrenos
Ações de Outras Cias.
III – ATIVIDADE DE FINANCIAMENTOS
Integralização de Capital
Empréstimos Bancários
(-) Dividendos Pagos
Saldo Final de Caixa
+ Saldo Existente em 31-12-X1
Saldo Existente em 31-12-X2

Fonte: Marion (2003, p. 444).

Então, no Fluxo de Caixa pelo método direto, evidenciam-se as movimentações financeiras que efetivamente ocorreram na empresa. Por possuir um poder informativo maior e mais detalhado, permite ao usuário visualizar a real situação da empresa e possibilita um planejamento financeiro mais efetivo. O método direto é destinado para os usuários internos da empresa.

2.4.2 Fluxo de Caixa – Modelo Indireto

O Fluxo de Caixa pelo Método Indireto também é denominado Fluxo de Caixa no sentido Amplo. O método é estruturado por meio de um procedimento semelhante à Demonstração das Origens e Aplicação de Recursos (Doar). Consiste em estender à análise dos itens não circulantes as alterações ocorridas nos itens circulantes, excluindo as disponibilidades, cuja variação é o objetivo da demonstração. Assim, são efetuados ajustes ao Lucro Líquido pelo valor das operações consideradas receitas ou despesas, mas que não afetaram as disponibilidades, de forma a demonstrar a variação em determinado período. Correspondem como saídas do caixa o aumento das contas do ativo circulante e as

diminuições no Passivo Circulante. As diminuições de Ativo Circulante e aumento de Passivo Circulante são consideradas a entradas de caixa. (MARION, 2003). O Quadro 07 apresenta a estruturação do Fluxo de Caixa pelo modelo indireto:

Quadro 07 – Estruturação do Fluxo de Caixa – Modelo Indireto

I – ATIVIDADE OPERACIONAL
Lucro Líquido Apurado no Exercício
(+) Depreciação
Lucro que afeta o Caixa
Variações no Circulante (Capital de Giro)
Ativo - Aumento de Duplicatas a Receber (reduz o Caixa)
- Aumento de Estoques (reduz o Caixa)
Passivo - Aumento de Fornecedores (melhora o Caixa)
- Aumento de Impostos a Pagar (melhora o Caixa)
Caixa Gerado nos Negócios
II – ATIVIDADE DE INVESTIMENTOS
Aquisição de Permanentes
- Móveis e Utensílios
- Terrenos
- Ações de Outras Cias.
III – ATIVIDADE DE FINANCIAMENTOS
- Integralização de Capital
- Novos Empréstimos Bancários
- Dividendos Pagos
RESULTADO FINAL DO CAIXA
+ Saldo Existente em 31-12-X1
Saldo Existente em 31-12-X2

Fonte: Marion (2003, p. 447).

“Os recursos gerados pelas atividades operacionais são calculados por meio de lucro líquido ajustado complementando com aumento ou redução dos saldos das contas de Ativo e Passivo Circulantes”. (HOJI, 2000, p. 298).

Assim, no Fluxo de Caixa pelo método indireto, são apresentadas apenas as oscilações do saldo de caixa. Sua apuração é feita através de ajustes ao lucro ou prejuízo do período e suas informações são destinadas a avaliação da geração de caixa da empresa por usuários externos.

2.5 ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS

Gitman (2010) afirma que, a análise de índices financeiros envolve métodos de cálculos e interpretações para análise e monitoramento do desempenho da organização. O interesse principal dos credores é a liquidez de curto prazo da

entidade e sua capacidade de efetuar seus pagamentos de amortização e juros.

Nesta perspectiva, a análise de Balanços tem como objetivo principal, a extração do máximo de informações, por meio dos dados disponíveis nas demonstrações contábeis e financeiras. Após esta etapa, os índices são comparados com os padrões estabelecidos pelo segmento da organização e de acordo com o momento do mercado, gerando um diagnóstico que serve de base para a tomada de decisões. (SCHINIER, 2008). O Quadro 08 mostra algumas precauções a serem tomadas ao utilizar os índices financeiros.

Quadro 08 – Precauções na utilização dos índices financeiros

1. Índices que revelam grandes desvios ao padrão são sintomas de um problema. Nesses casos, se faz necessário análises aprofundadas para identificar e isolar as causas do problema.
2. Um índice por si só não fornece informações suficientes para identificar o desempenho da empresa. Porém, se a análise estiver voltada para algum aspecto específico da posição financeira, um ou dois índices podem ser suficientes.
3. Os índices a serem comparados devem ser calculados com demonstrações financeiras referentes a mesma data do ano. Caso isso não ocorra, os dados obtidos podem levar a decisões erradas.
4. Ao analisar os índices, é recomendado que se utilize demonstrações auditadas. Caso contrário, os dados poderão não refletir a verdadeira condição financeira da empresa.
5. Os dados financeiros a serem comparados devem ter sido produzidos da mesma maneira. O uso de tratamentos contábeis diferentes podem distorcer os resultados.
6. Os resultados podem ser modificados pela inflação. O custo dos produtos estocados e despesas com depreciação podem ser diferentes de seus valores reais, distorcendo o lucro. Sem que seja feito ajustes, a inflação pode fazer com que as empresas mais jovens, que tem seus ativos mais novos, pareçam menos rentáveis que as entidades mais antigas, que possuem ativos mais velhos.

Fonte: Adaptado Gitman (2010).

Souza (2009) mostra que a análise por índices estabelece uma relação entre dois valores de diferentes naturezas. Essa relação é estabelecida na divisão de um valor pelo outro, indicando o resultado quantas vezes o divisor está contido no dividendo.

Nesse sentido, a circunstância para a utilização dos índices econômico-financeiros dependerá dos motivos pelos quais serão analisados os balanços: análise financeira, gerenciamento de dados, comportamento setorial, compra de uma empresa, etc. A quantidade de índices é condicionada ao objetivo da análise. O importante é escolher uma quantidade razoável que indique uma boa interpretação da situação da empresa em questão. (MORANTE, 2007).

Portanto, através da aplicação dos índices econômico-financeiros, torna-se possível visualizar o desempenho da empresa no período apurado e, ter uma ideia do que pode acontecer futuramente caso a empresa continue apresentando os mesmos resultados.

2.5.1 Categorias de Índices Econômico-Financeiros

As técnicas mais comuns aplicadas nas análises baseiam-se na abordagem dos índices econômico-financeiros. Estes são extraídos das demonstrações financeiras apresentadas pelas empresas. (ASSAF NETO, 2012).

Diante disso, Gitman (2010) classifica os índices financeiros em cinco principais categorias: liquidez, atividade, endividamento, lucratividade e valor de mercado. Os índices de lucratividade medem retorno; os de valor de mercado capturam risco e retorno; os de liquidez, atividade e endividamento medem risco.

A partir daí, a aplicação dos índices se dá através da aplicação de algumas fórmulas em dados extraídos geralmente, do Balanço Patrimonial e Demonstrativo de Resultado da empresa. Atualmente, existem diversas categorias de índices e, dentro dessas categorias, várias fórmulas que podem ser aplicadas. A escolha de que categorias aplicar dentro da organização, varia muito de quais os objetivos da empresa e, quais resultados ela busca saber.

2.5.2 Índices de Liquidez

Souza (2009, p. 120) mostra que “os índices de liquidez são utilizados para medir a capacidade de pagamento da empresa, especialmente sua capacidade financeira face às exigibilidades de curto prazo”.

Além do mais, para Gitman (2010) como um sinal comum de dificuldade financeira é uma liquidez baixa, os índices podem fornecer sinais antecipados de problemas de fluxo de caixa e insolvência iminente da empresa. As medidas fundamentais de liquidez são duas: o índice de liquidez corrente e o índice de liquidez seca.

Sobre os índices de Liquidez, Schier (2008, p. 61) afirma:

Os índices componentes desse grupo evidenciam a base da situação financeira da empresa. Esses índices confrontam os Ativos Circulantes com

as Dívidas, procurando medir a solidez da base financeira da organização. Se os índices de liquidez da empresa forem bons, significa que a mesma tem boa capacidade de quitar suas dívidas.

Logo, os índices de liquidez avaliam a capacidade financeira da empresa perante seus compromissos com terceiros. Os resultados desses índices são de extrema importância aos administradores da organização, pois, a variação desses resultados indica como está indo a entidade.

2.5.2.1 Índices de Liquidez Corrente

Para Souza (2009) o índice de liquidez corrente destina-se a avaliar a capacidade financeira da empresa a curto prazo.

Neste sentido, Gitman (2010) afirma que o índice de liquidez corrente é um dos índices financeiros mais utilizados para demonstrar a capacidade das organizações em cumprirem com suas obrigações em curto prazo. O Quadro 09 apresenta a fórmula da Liquidez Corrente:

Quadro 09 – Fórmula Liquidez Corrente

$$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto (2012, p. 112).

O quadro 10 exibe explicação quanto aos resultados do cálculo da liquidez corrente, segundo Schier.

Quadro 10 – Resultados Liquidez Corrente

- Quando a proporção é de R\$ 1,80 a R\$ 2,00 para cada R\$ 1,00 de dívida, a empresa está numa situação financeira de absoluta folga.
- Quando a empresa possui R\$ 1,60 a R\$ 1,70 para cada R\$ 1,00 que ela deve, a situação financeira é de folga ou relativa folga.
- Quando a empresa tem R\$ 1,40 a R\$ 1,50 e deve R\$ 1,00 ela está com um bom equilíbrio financeiro, mais não tem uma situação de folga.
- Quando a empresa deve R\$ 1,00 e possui R\$ 1,20 a R\$ 1,30 para quitar a dívida, sua situação é ainda de equilíbrio, mais já denota aperto financeiro.
- Quando a empresa possui R\$ 1,00 a R\$ 1,10 para cada R\$ 1,00 de dívida, ela está em situação de equilíbrio, mais indicando grande aperto financeiro.
- Quando a empresa deve R\$ 1,00 e tem menos de R\$ 1,00 ela apresenta uma situação de extremo aperto financeiro ou, conforme o caso, de total insolvência.

Fonte: Schier (2008, p. 63).

Assim, esse índice apresenta a relação entre o ativo circulante e o passivo circulante da empresa. (ASSAF NETO, 2012).

Concluindo, a liquidez corrente apresenta quanto a empresa possui no ativo circulante para cada R\$ 1,00 de obrigações do passivo circulante, demonstrando sua capacidade de pagamento a curto prazo. Assim, quanto maior o resultado desse índice, melhor para a organização.

2.5.2.2 Índices de Liquidez Seca

O índice de liquidez seca é muito parecido com o índice de liquidez corrente, porém o primeiro exclui do cálculo os estoques, pois do grupo de ativos circulante, estes costumam ter a menor liquidez. Assim como na liquidez corrente, quanto maior o resultado desse índice, melhor será para a entidade. (GITMAN, 2010). A fórmula para cálculo da liquidez seca pode ser observada no Quadro 11:

Quadro 11 – Fórmula Liquidez Seca

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante (-) Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto (2012, p. 113).

Nesta direção, visando eliminar da análise a baixa liquidez dos estoques, criou-se o índice de liquidez seca. Seu resultado é apresentado mediante divisão dos ativos circulantes de maior liquidez com o passivo circulante total. (ASSAF NETO, 2012).

Então, Souza (2009) afirma que, como os estoques somente são realizados após algumas operações (transformação-venda-recebimento), esses valores devem ser eliminados do cálculo da liquidez seca, para melhor avaliar a capacidade financeira a curto prazo da empresa.

2.5.2.3 Índices de Liquidez Geral

O índice de liquidez geral demonstra a capacidade financeira da empresa diante de suas obrigações totais, incluindo curto e longo prazo. (SOUZA, 2009). A liquidez geral é calculada através da fórmula apresentada no quadro 12.

Quadro 12 – Fórmula Liquidez Geral

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

Fonte: Assaf Neto (2012, p. 113)

Para Morante (2007) esse índice tem por objetivo relacionar a capacidade da organização em honrar suas obrigações com terceiros sem ter que disponibilizar seu ativo permanente. Para efeitos de análise financeira, quanto maior o resultado desse índice, melhor para a empresa.

Segundo Assaf Neto (2012), esse índice apresenta a saúde financeira a longo prazo da organização. Porém, a análise da folga financeira da empresa através desse índice pode ser prejudicada se os prazos de ativos e passivos forem muito diferentes.

Assim, A liquidez geral verifica a capacidade da empresa em honrar com suas obrigações, analisando as condições totais, tanto a receber quanto a pagar da organização, incluindo os valores de curto e longo prazo. Quanto maior o resultado desse índice, melhor para a entidade.

2.5.2.4 Índices de Liquidez Imediata

Souza (2009) afirma que, o índice de liquidez imediata relaciona o dinheiro que a empresa tem disponível com suas obrigações a curto prazo. Sua finalidade é mensurar a quantidade mínima de disponibilidades proporcionalmente às exigibilidades a curto prazo que a empresa possui. O quadro 13 mostra a fórmula para calculo da liquidez imediata.

Quadro 13 – Fórmula Liquidez Imediata

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto (2012, p. 113).

Segundo Morante (2007) o resultado desse índice mostra a capacidade da organização de pagar todo o seu passivo circulante com os valores disponíveis no momento da análise.

Nesta perspectiva, quanto maior for o resultado desse índice, maiores serão os recursos da empresa mediante suas obrigações a curto prazo. (ASSAF NETO, 2012).

Na liquidez imediata é considerado apenas os valores das contas caixa, bancos e aplicações financeiras em seu cálculo, dividindo pelos valores do passivo circulante. Por extrair apenas os valores de liquidez imediata, esse índice calcula a solvência de curtíssimo prazo da empresa.

2.5.3 Índices de Endividamento

Assaf Neto (2012) mostra que, os índices de endividamento são utilizados para medir a composição das obrigações de uma empresa.

De maneira geral, quanto mais dívidas uma empresa possui em relação ao seu ativo total, maior sua alavancagem financeira. Logo, maior a amplificação do risco e do retorno por meio de financiamentos. (GITMAN, 2010).

Desse modo, o endividamento de uma organização indica o volume de dinheiro de terceiros usado para gerar lucros. Quanto maior o endividamento, maior o risco que a entidade se veja impossibilitada de honrar seus pagamentos.

2.5.3.1 Índice de endividamento geral

Gitman (2010) mostra que, o índice de endividamento geral tem a função de medir a proporção do ativo total financiada pelos credores da organização. Quanto mais alto o índice, maior o capital de outros investidores utilizados para gerar lucros.

Para Groppelli e Nikbakht (2010, p. 362) esse indicador apresenta:

O percentual dos ativos totais que é financiado por capital de terceiros. Quanto menor o índice de endividamento, menor a alavancagem financeira; quanto maior esse índice, maior alavancagem financeira.

Então, o índice de endividamento geral pode ser calculado pela seguinte fórmula demonstrada no quadro 14.

Quadro 14 – Fórmula Endividamento Geral

$$\text{Endividamento Geral} = \frac{\text{Passivo Total}}{\text{Ativo Total}}$$

Fonte: Gitman (2010).

Assim, o índice de endividamento geral identifica quanto dos ativos da organização estão sendo financiados por fontes externas. Quanto maior esse índice, maior a alavancagem da entidade. Consequentemente, maior seu grau de endividamento.

2.5.3.2 Relação de Capital de Terceiros e Capital Próprio

A relação entre Capital de Terceiros e capital próprio apresenta quanto à organização possui de dívidas em relação aos recursos pertencentes aos acionistas. É uma das principais medidas de endividamento. “Essa medida revela o nível de endividamento, isto é, de dependência da empresa em relação a seu financiamento por meio de recursos próprios.” (ASSAF NETO, 2012, p. 116).

Quadro 15 – Relação entre Capital de Terceiros/Capital Próprio

$$\text{Relação Capital de Terceiros/Capital Próprio} = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Fonte: Assaf Neto (2012).

A fórmula demonstrada acima representa quanto à empresa possui de recursos de terceiros a curto, longo prazo ou total para cada valor aplicado de capital próprio (ASSAF NETO, 2012).

Quanto maior o nível de garantias de capital de terceiros, significa que o ativo da entidade está sendo financiado em maior proporção, com capital próprio em relação aos derivados de terceiros. Quanto menor for o percentual, melhor será a situação da organização. (MATARAZZO, 2010).

2.5.3.3 Relação Capital de Terceiros e Passivo Total

A relação entre Capital de Terceiros e Passivo total indica quanto dos recursos totais utilizados pela empresa são de externos.

Quadro 16 – Relação entre Capital de Terceiros/Passivo Total

$\text{Relação de Capital de Terceiros/Passivo Total} = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Passivo Total (Exigível Total + Patrimônio Líquido)}}$

Fonte: Assaf Neto (2012, p. 117)

Portanto, para cada unidade monetária de recursos gerados pela empresa, o índice de relação de capital de terceiros e passivo total mede quanto desses valores provém de fontes de financiamento não próprias. Entende-se que o passivo total agrega todos os valores absorvidos pela empresa e que suas aplicações encontram-se no ativo. Essa medida exemplifica também a proporção dos ativos totais, sendo o total dos investimentos da entidade, financiado com capital de terceiros. (ASSAF NETO, 2012).

Matarazzo (2010) afirma que, quanto menor for o percentual apresentado por esse índice, melhor. Pois, quanto maior for o nível de garantia de capital de terceiros, significará que a empresa está financiando seus ativos em maior volume com capitais próprios.

2.5.4 Índices de Rentabilidade

“Pode-se dizer que a empresa consegue gerar lucro e capitalizar a si própria, esta é a rentabilidade do ativo. A rentabilidade do ativo analisa quanto a

empresa obtém de lucro para cada R\$ 100 de investimento total.” (MÁLAGA, 2012, p. 237).

Souza (2009) afirma que esses índices destinam-se a mostrar qual a rentabilidade dos capitais investidos, evidenciando o resultado das transações realizadas pela organização.

Atualmente existem muitas medidas de rentabilidade que, utilizadas em conjunto, permitem avaliar os lucros da empresa em relação a um determinado nível de vendas, determinado nível de ativos ou investimentos dos sócios. (GITMAN, 2010).

Os índices de rentabilidade apresentam o desempenho das operações da empresa. No ponto de vista dos acionistas, esses índices são de extrema importância, pois, mostram o retorno dos seus investimentos.

2.5.4.1 Margem de Lucro Bruto

A margem de lucro bruto indica qual a rentabilidade das operações, sem considerar as deduções como despesas, por exemplo. Segundo Hoji (2000), esse índice mostra quanto a organização conseguiu gerar lucros em sua atividade operacional para cada R\$1,00 de receita líquida. A margem de lucro bruto é calculada pela seguinte fórmula.

Quadro 17 – Margem de Lucro Bruto/Receita Líquida de Vendas

$$\text{MARGEM DE LUCRO BRUTO} = \frac{\text{LUCRO BRUTO}}{\text{RECEITA DE VENDAS}}$$

Fonte: Gitman (2010)

Gitman (2010) afirma que, esse índice mede a porcentagem de cada valor vendido que permanece após a dedução dos bens vendidos. Quanto maior a margem de lucro bruto, melhor, pois menor será o custo das mercadorias vendidas.

Logo, a margem de lucro bruto mensura quais estão sendo os lucros da empresa em suas atividades operacionais. Quanto maior for o resultado desse indicador, maior será a rentabilidade das vendas da organização.

2.5.4.2 Margem Líquida

A margem líquida mede a porcentagem do valor de vendas remanescente após a dedução dos custos e despesas, incluindo juros, impostos e dividendos de ações preferenciais. Quanto maior a margem líquida da empresa, melhor. (GITMAN, 2010).

Segundo Morante (2007), o objetivo da margem líquida é apresentar a porcentagem de lucratividade final, em relação às vendas. Para efeito de análises financeiras, quanto maior seu resultado, melhor será para o credor. O Quadro 18 apresenta a fórmula da Margem Líquida:

Quadro 18 – Margem Líquida

$$\text{MARGEM LIQUIDA} = \frac{\text{LUCRO LIQUIDO}}{\text{RECEITA LIQUIDA}}$$

Fonte: Gitman (2010)

Para Assaf Neto (2012), a margem líquida mede a eficiência geral da empresa. Apresenta quanto da receita de vendas foi utilizado para cobrir as despesas e custos e, quanto foi produzido de lucro líquido para a entidade.

De maneira geral, essa medida é frequentemente associada ao sucesso da organização em relação ao lucro obtido com as vendas. Uma “boa” margem de lucro é diferente de um setor para outro. Uma margem líquida de 1% ou menos não seria incomum para uma mercearia, ao passo que uma margem de 10% seria baixa para uma joalheria de varejo. (GITMAN, 2010).

Portanto, objetivo do cálculo da margem líquida é mensurar quanto a empresa obtém de lucros por unidade de produto vendido. Quanto maior for o resultado apresentado por esse índice, melhor.

2.5.4.3 Rentabilidade do Patrimônio Líquido

A rentabilidade do patrimônio líquido evidencia quanto do lucro gerado pela utilização do ativo irá para o acionista, não importando se as fontes de recursos sejam próprias ou de terceiros. (SOUZA, 2009).

Isso porque, esse índice “analisa quanto à empresa obtém de lucro para cada R\$ 100 de capital próprio investido, em média, no exercício.” (MÁLAGA, 2012, p. 238). O Quadro 19 apresenta a fórmula da Rentabilidade do Patrimônio Líquido:

Quadro 19 – Rentabilidade do Patrimônio Líquido

$$\text{RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO} = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO}}{\text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO}}$$

Fonte: Morante (2007)

Assim, o índice tem como objetivo, “indicar a lucratividade em relação aos capitais próprios, posicionando esses capitais diante de investimentos alternativos.” (MORANTE, 2007, p. 43).

Por conseguinte, a rentabilidade do Patrimônio Líquido calcula quanto rende o capital investido pelos proprietários da empresa e o tempo que os mesmos levarão para ter o retorno de seu investimento, caso mantenha o mesmo percentual durante os anos.

2.5.5 Método Fleuriet

O modelo Fleuriet é um método dinâmico de análise do capital de giro. A criação deste método tem por objetivo fazer uma análise das contas do Balanço Patrimonial de uma forma menos estática do que o método tradicional. Essa análise considera a liquidez na reclassificação do balanço, buscando uma relação direta entre as contas através do desenvolvimento das atividades operacionais e dimensão temporal, o que torna esse modelo mais funcional que o tradicional. O modelo tradicional prioriza a classificação das contas, considerando seus prazos de aplicação e as origens dos fundos. (FLEURIET, 2003).

Segundo Braga e Oliveira (2004), o surgimento do modelo Fleuriet resultou na mudança do enfoque da análise, que antes era feita em base contábil e estática para um modelo mais dinâmico. Através dos dados contábeis das empresas, o método tornou possível visualizar a capacidade das organizações de captarem recursos e investir, conseguindo, dessa forma, retornos maiores sobre os

custos captados. O quadro 20 apresenta a representação gráfica do Balanço Patrimonial pelo Modelo Fleuriet.

Quadro 20 – Balanço Patrimonial pelo Modelo Fleuriet

ATIVO CIRCULANTE	ATIVO FINANCEIRO	PASSIVO FINANCEIRO	PASSIVO CIRCULANTE
	ATIVO CÍCLICO	PASSIVO CÍCLICO	
	ATIVO PERMANENTE	PASSIVO PERMANENTE (EXIGÍVEL A LONGO PRAZO + PATRIMÔNIO LÍQUIDO)	

Fonte: Assaf Neto (2007)

Frente a estes expostos, na reclassificação do Modelo Fleuriet, é possível observar que o ativo é dividido em financeiro e cíclico. O mesmo acontece nas contas de passivo circulante. “O termo cíclico refere-se a recursos renováveis no dia a dia, que ocorrem de forma espontânea e natural, e está ligado à operacionalização da empresa.” (SOUZA, 2014, p.99). Assim, os exemplos de ativos cíclicos são contas a receber e estoques e, exemplos de passivos cíclicos têm-se fornecedores e salários a pagar.

Fleuriet (2003) explica que, nessa nova reclassificação proposta, o ativo financeiro abrange as contas: disponibilidades, aplicações financeiras, créditos não decorrentes das operações contínuas da empresa e os depósitos judiciais. O ativo cíclico é formado pelos estoques, duplicatas a receber, adiantamentos a colaboradores e fornecedores, despesas antecipadas, e outros. Enquanto que, a conta passivo financeiro compreende as contas de duplicatas descontadas, imposto de renda e contribuição social a recolher, empréstimos e financiamentos bancários de curto prazo e dívidas não originadas de operações normais da organização. Por fim, a conta passivo cíclico inclui os impostos indiretos, fornecedores, adiantamentos de clientes, salários e encargos sociais, dentre outras contas.

Dessa forma, Padoveze. (2011, p. 206) mostra que:

O aspecto fundamental dessa abordagem, que tem como objetivo oferecer um modelo de decisão completo para a administração do capital de giro centra-se no conceito de que as contas cíclicas são necessárias para o ritmo das operações e, portanto, não podem ser realizadas sob pena de comprometer a continuidade da empresa.

Portanto, após a dinâmica reclassificação do Balanço Patrimonial através do Modelo Fleuriet é possível obter uma análise menos estática do capital de giro da empresa, incluindo o capital circulante líquido, a necessidade de capital de giro, e o saldo de tesouraria.

2.5.5.1 Capital de Giro

O capital de giro são os recursos que a empresa necessita para manter suas necessidades cotidianas e honrar com suas obrigações, isto é, “[...] corresponde ao valor total do ativo circulante, representado principalmente pelo caixa e equivalentes de caixa, valores a receber e estoques.” (SOUZA, 2014, p. 97).

Desse modo, a administração de capital de giro de uma empresa envolve, basicamente, as decisões de compras e vendas bem como as atividades operacionais e financeiras. O capital de giro representa os recursos que a empresa necessita para financiar seu ciclo operacional. (ASSAF NETO, 2012).

Hoji (2000) acrescenta que, o estudo do capital de giro é essencial para a administração financeira, pois a empresa necessita recuperar os custos e despesas incorridos no período e, além disso, obter o lucro desejado, por meio da venda de seus produtos ou prestação de serviço.

2.5.5.2 Capital Circulante Líquido (CCL)

O Capital Circulante Líquido mensura as operações, deduzidas das obrigações em curto prazo, obtendo-se assim, o valor do ativo líquido da empresa. É a forma mais direta de evidenciar o capital de giro líquido das organizações. (ASSAF NETO, 2012).

Conforme Morante (2007), o CCL é o valor líquido das operações, das obrigações em curto prazo processadas no ativo circulante. Sendo assim, o valor do CCL é mensurado pela diferença do ativo circulante e o passivo circulante. Logo, o

Capital Circulante Líquido pode ser calculado através da fórmula apresentada no quadro 21.

Quadro 21 – Fórmula Capital Circulante Líquido

$$\text{CCL} = \text{ATIVO CIRCULANTE} - \text{PASSIVO CIRCULANTE}$$

Fonte: Gitman (2010).

Dessa forma, quando o ativo circulante for maior que o passivo circulante, a empresa possuirá CCL. Por outro lado, quando o ativo circulante for inferior ao passivo circulante, a entidade terá um capital de giro negativo. (GITMAN, 2010).

Segundo Assaf Neto (2012), o resultado dessa equação poderá ser positivo, nulo ou negativo. Quando for positivo, o Capital Circulante Líquido se destinará a financiar o ativo circulante da empresa, significando que a organização está com folga na sua liquidez. O resultado nulo ocorre quando há igualdade entre os valores das origens e aplicações da organização, significando que a liquidez da empresa não apresenta folga. Por fim, quando o valor do resultado for negativo significa que existem obrigações a curto prazo, financiando aplicações com prazos maiores de retorno. Isso significa que há um aperto na liquidez da empresa.

2.5.5.3 Necessidade de Capital de Giro (NCG)

Necessidade de capital de giro são os valores que a empresa irá necessitar para cumprir com suas obrigações operacionais. Segundo Souza (2014) a NCG é a diferença entre o ativo circulante operacional e o passivo circulante operacional da organização e pode ser classificada como permanente ou sazonal. Permanente quando a empresa apresenta níveis de produção e vendas lineares durante o ano todo. Ao passo que, a necessidade de capital de giro sazonal ocorre quando a organização apresenta níveis de produção elevados somente em determinados períodos do ano.

Para Matarazzo (2010), a Necessidade de Capital de Giro é fundamental, não apenas para a análise da entidade do ponto de vista financeiro, mais também para estratégias de financiamento, crescimento e lucratividade.

Matias (2007) explica que, a falta de sincronização entre vendas, produção e pagamentos pode fazer com que o ciclo operacional não arrecade valores ou prazos suficientes para manter a atividade operacional, o que faz com que a empresa necessite de capital de giro. A NCG de giro pode ser mensurada através da fórmula demonstrada no quadro 22.

Quadro 22 – Fórmula Necessidade de Capital de Giro

$$\text{NCG} = \text{ATIVO OPERACIONAL} - \text{PASSIVO OPERACIONAL}$$

Fonte: Matarazzo (2010).

Então, quando o passivo operacional da empresa for maior que seu ativo operacional, significará que a entidade possui mais financiamentos do que investimentos. Por outro lado, quando a organização apresentar passivo operacional menor que o ativo operacional, significa que a mesma necessita de capital de giro e, dessa forma, ela deverá encontrar a opção mais adequada de financiamentos. (MATARAZZO, 2010).

2.5.5.4 Saldo em Tesouraria (ST)

“O saldo de tesouraria pode ser entendido como um instrumento de manobra do gestor da administração do seu grau de aversão ao risco.” (MÁLAGA, 2012, p. 185). O Saldo em Tesouraria é mensurado através da diferença entre o CCL e a nCG, conforme fórmula contida no quadro 23.

Quadro 23 – Fórmula Saldo de Tesouraria

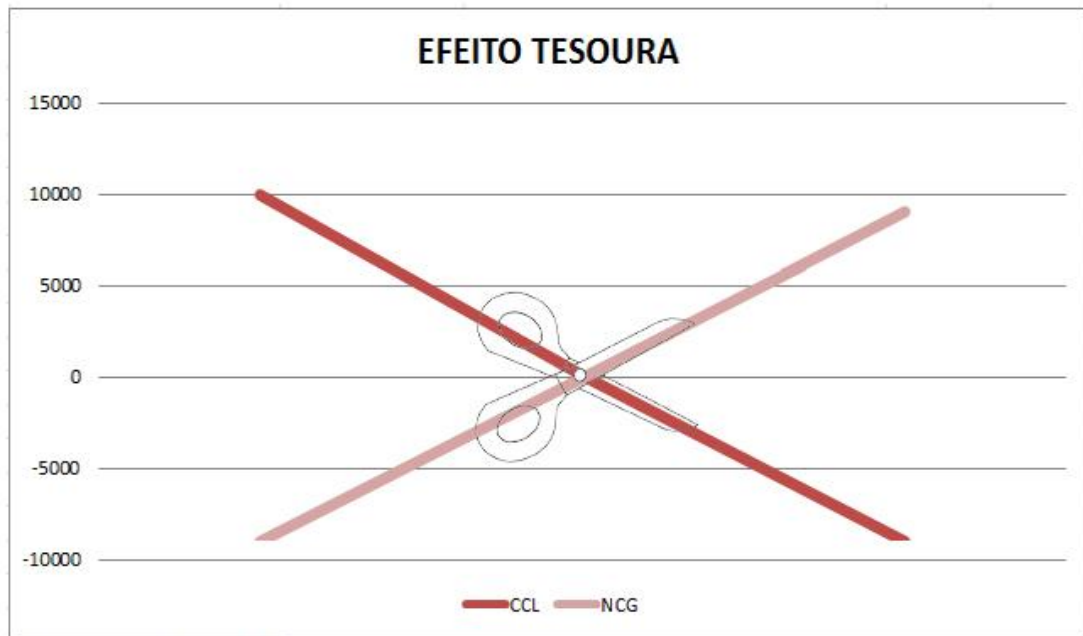
$$\text{ST} = \text{CCL} - \text{NCG}$$

Fonte: Flueriet (2003).

Flueriet (2003) afirma que, a organização deve garantir que o aumento do capital de giro seja compatível com o aumento da sua NCG, de forma que o saldo em tesouraria não seja negativo. Caso isso ocorra, poderá gerar desequilíbrio financeiro, acarretando no “efeito tesoura”, situação em que a necessidade de

capital de giro cresce positivamente e o capital de giro não acompanha a evolução, tornando o saldo em tesouraria cada vez mais negativo. Na figura 02 é possível visualizar a simulação do efeito tesoura.

Figura 02 – Efeito Tesoura



Fonte: Adaptado Fleuriel (2003)

Ainda de acordo com Málaga (2012), caso a empresa apresente aversão ao risco ou em determinada operação a curto prazo, e tiver risco em seus ativos operacionais superior ao que se encontra no balanço, utiliza-se o saldo de tesouraria para amenizar a consequência.

Então, quando a empresa apresentar ST positivo, significará que está em equilíbrio financeiro e terá saldo para financiar sua NCG. Porém, quando o saldo se mostrar negativo a organização precisará de alternativas para honrar com suas obrigações.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O termo metodologia significa um estudo dos métodos ou instrumentos necessários para construção de uma pesquisa científica. Demo (1995, p.12) afirma que “adquire o nível de típica discussão teórica, inquirindo criticamente sobre as maneiras de se fazer ciência. Sendo algo instrumental, dos meios, não tem prioridade direta, mas é fundamental para utilidade científica”.

Nesse contexto, os métodos são um conjunto de procedimentos e regras adotados para realizar determinada pesquisa. Por se tratar de um estudo de natureza científica, faz-se necessário a abordagem dos procedimentos metodológicos, que delimitarão as técnicas utilizadas na pesquisa. Inicialmente, descreve-se o enquadramento metodológico do estudo, logo após, apresentam-se os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Cervo, Bervian e Silva (2007) mostram que a pesquisa é uma forma de buscar esclarecimentos, respostas ou soluções em processos científicos para problemas práticos e teóricos. Dessa forma, este método é utilizado quando alguma dúvida ou problema é apresentado.

Em relação à abordagem do problema, este foi de forma qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa mostra como melhor compreender algumas ferramentas da contabilidade gerencial, bem como seus benefícios mediante a aplicação das mesmas no processo interno da empresa. Richardson (1999, p. 80) afirma que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Já a pesquisa quantitativa é aquela “[...] que os dados e as evidências coletadas podem ser quantificados, mensurados. Os dados são filtrados, organizados e tabulados, enfim, preparados para serem submetidos às técnicas e/ou testes estatísticos”. (MARTINS e THEÓPHILO, 2009, p. 107). Dessa forma, os dados coletados junto a empresa estudada, serão analisados através de ferramentas estatísticas de forma quantitativa.

Em relação aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritivo, pois

foram descritos alguns aspectos das ferramentas da contabilidade gerencial, como função e sua importância na gestão da empresa. Segundo Cervo e Bervian (2007), a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona os fenômenos sem manipulá-los.

Sobre os procedimentos, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, realizada por meio de livros, internet, artigos científicos, dentre outras fontes. Foram utilizados para a elaboração da fundamentação teórica do tema em questão, mostrando a visão de diversos autores acerca das ferramentas da contabilidade gerencial. Cervo, Bervian e Silva (2007) afirmam que a pesquisa bibliográfica tem por objetivo explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em livros, teses, artigos e dissertações.

A pesquisa é participante devido ao fato de a pesquisadora ser colaboradora da empresa objeto de estudo e responsável pelo setor em que a pesquisa será aplicada. Conforme Silva e Grigolo (2002) a pesquisa participante é caracterizada pela interação dos membros das situações pesquisadas e os pesquisadores.

Efetou-se também um estudo de caso em uma empresa do ramo de radiodifusão, localizada na cidade de Tubarão, Santa Catarina. Cervo, Bervian e Silva (2007) mostram que o estudo de caso é a pesquisa sobre determinado indivíduo, grupo ou comunidade que seja representativo em seu meio, para examinar aspectos variados de sua rotina.

Sendo assim, sobre a abordagem do problema o estudo realizado foi de forma qualitativa. Quanto aos objetivos, o estudo abrange a forma descritiva. E ainda, quanto aos procedimentos, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica, estudo de caso e pesquisa participante.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O estudo de caso será realizado em uma empresa do ramo de radiodifusão, localizada no Sul de Santa Catarina. Para a concretização deste estudo serão utilizados referenciais teóricos e pesquisa documental por meio de informações fornecidas pela organização nos primeiros meses de 2016, objetivando demonstrar a relevância da aplicação das ferramentas da contabilidade gerencial dentro da empresa objeto de estudo.

4 ESTUDO DE CASO

Este capítulo tem por finalidade apresentar o estudo de caso referente à teoria abordada nessa pesquisa e sua aplicação na prática pela empresa objeto de estudo. Para a elaboração dos demonstrativos gerenciais deste estudo, fez-se necessário obter dados históricos dos demonstrativos financeiros dos anos de 2013, 2014 e 2015.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

A empresa objeto de estudo optou por não se identificar, portanto, para fins deste estudo, será utilizado o nome fictício “Rádio XYZ Ltda”.

A Rádio XYZ faz parte de um grupo de rádios que iniciou suas atividades na década de 70, com a aquisição de uma rádio AM no município de Lauro Muller. Um negócio familiar que foi crescendo com a aquisição de novas emissoras em cidades próximas como Tubarão, Criciúma e Araranguá, tornando-se uma grande referência no Sul do Estado. No início da década de 80, os negócios começaram a evoluir na mesma proporção que a rádio FM. A Rádio XYZ foi fundada em 1984 e atualmente é uma das maiores rádios do município de Tubarão. Sua classe de operação é A2, com sinal de abrangência 100% em 27 municípios, alcançando mais de 700 mil pessoas.

4.1.1 Clientes

A Rádio XYZ possui um perfil de público popular, onde em média 51% são mulheres. A faixa etária da maioria dos ouvintes está entre 22 a 50 anos, conforme dados de uma pesquisa particular feita em janeiro de 2015 pelo IPC – Instituto de Pesquisa Catarinense. Os clientes são os patrocinadores dos programas que anunciam inserções comerciais com o objetivo de atrair o público alvo que a rádio alcança, através de contratos de mídia, e o setor público, desde órgãos municipais, estaduais e federais, sempre que necessitam repassar alguma informação para a população.

4.1.2 Serviços

A atividade da empresa concentra-se exclusivamente na prestação de serviço de inserção de mídia. A mídia através do rádio é algo bastante ágil e flexível, pois, transmite aos seus ouvintes de forma instantânea, mensagens a serem passadas, ao mesmo tempo em que os mesmos ouvem enquanto fazem suas atividades cotidianas. Do ponto de vista financeiro, o rádio é um dos meios de comunicação mais acessível. Qualquer empresa interessada pode contratar inserções de radiodifusão com pacotes que se adequem a sua realidade.

Sua grade musical conta com as músicas mais tocadas na atualidade, nacionais e internacionais, ao mesmo tempo em que leva notícias e informações de utilidade pública de forma irreverente.

A Rádio XYZ Ltda é uma rádio moderna e totalmente automatizada com programação popular 24 horas, 100% local. Com perfil ousado e bem humorado, atrai ouvintes através de linguagem popular, ágil e direta. Seus profissionais são capacitados e trabalham incansavelmente para tornar o produto cada vez mais atrativo. Para eventos locais, a empresa possui balões infláveis de destaque e veículo totalmente personalizado.

4.1.3 Forma de Tributação

A Rádio XYZ é uma empresa de sociedade limitada, enquadrada no anexo III da Lei Complementar 123/2006 do Simples Nacional.

4.2 ETAPAS DO ESTUDO

Nesta seção serão apresentadas as etapas do estudo de caso da empresa Rádio XYZ. Este estudo tem por objetivo analisar as demonstrações financeiras e os indicadores da empresa no período de 2013 a 2015, apresentar a real situação da organização, propor a implantação do uso dessas ferramentas no seu cotidiano, bem como a elaboração do fluxo de caixa pelo método indireto. A figura 03 representa as etapas da elaboração do estudo de caso.

Figura 03 – Etapas do Estudo



Primeiramente, são apresentadas as características da empresa, os serviços que ela oferece e os seus clientes.

Na segunda etapa serão analisados os balanços patrimoniais e demonstrativos de resultado dos anos de 2013, 2014 e 2015 e avaliados: indicadores de liquidez, rentabilidade, endividamento e capital de giro.

Em seguida será proposto a implantação do modelo de Fluxo de Caixa pelo método indireto.

Por fim, a efetiva implantação das ferramentas citadas neste estudo, salientando os benefícios que o controle frequente através delas pode trazer para a empresa.

4.3 DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Os números que serão apresentados nas demonstrações não são reais, mais têm relação com a situação real da empresa. Através do Balanço Patrimonial e

Demonstrativo de Resultado, será feito uma análise por meio de ferramentas da contabilidade gerencial, apresentando o desempenho da empresa nos anos de 2013, 2014 e 2015.

4.3.1 Demonstrativo de Resultado

O Demonstrativo de Resultado mensura o desempenho econômico da organização em um determinado exercício. O quadro 24 mostra o DR da empresa objeto de estudo nos últimos três anos.

Quadro 24 – Demonstrativo de Resultado

DEMONSTRATIVO DE RESULTADO DO EXERCÍCIO								
	31/12/2013	AV	31/12/2014	AV	AH	31/12/2015	AV	AH
Receita Bruta de Vendas	542.725,38		608.262,29		12,1%	697.323,66		14,6%
SERVICOS DE COMUNICAÇÃO	542.725,38		608.262,29			697.323,66		
(-) DEDUÇÕES DAS VENDAS	40.761,93		44.449,94		9,0%	52.373,19		17,8%
SIMPLES NACIONAL	40.761,93		44.449,94			52.373,19		
(=) Receita Líquida de Vendas	501.963,45	100%	563.812,35	100%	12,3%	644.950,47	100%	14,4%
(-) CUSTOS DOS SERVICOS	218.861,38	43,6%	238.121,11	42,2%	8,8%	295.284,04	45,8%	24,0%
ORDENADOS	168.322,56	33,5%	180.951,84	32,1%	7,5%	225.143,89	34,9%	24,4%
13o SALARIO	16.978,55	3,4%	17.532,43	3,1%	3,3%	19.548,53	3,0%	11,5%
FÉRIAS	11.729,45	2,3%	12.897,44	2,3%	10,0%	13.993,05	2,2%	8,5%
INDENIZACOES E RESCISOES	4.153,79	0,8%	6.524,46	1,2%	57,1%	5.784,46	0,9%	-11,3%
FGTS	13.465,80	2,7%	14.476,15	2,6%	7,5%	22.136,48	3,4%	52,9%
SERVIÇOS TERCEIROS	4.211,23	0,8%	5.738,79	1,0%	36,3%	8.677,63	1,3%	51,2%
(=) Resultado Bruto	283.102,07	56,4%	325.691,24	57,8%	15,0%	349.666,43	54,2%	7,4%
(-) DESPESAS	119.536,75	23,6%	127.208,43	22,2%	6,4%	141.295,01	21,4%	11,1%
(-) DEPRECIÇÃO	16.729,94	3,3%	17.832,81	3,2%	6,6%	15.614,28	2,4%	-12,4%
(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS	80.006,71	15,9%	82.788,47	14,7%	3,5%	93.213,35	14,5%	12,6%
(-) DESPESAS FINANCEIRAS	22.800,10	4,5%	26.587,15	4,7%	16,6%	32.467,38	5,0%	22,1%
(+) RECEITAS FINANCEIRAS	1.106,45	0,2%	1.857,13	0,3%	67,8%	3.093,06	0,5%	66,6%
(=) Resultado Líquido do Exercício	164.671,77	32,8%	200.339,94	35,5%	21,7%	211.464,48	32,8%	5,6%
LUCRO LIQUIDO DO PERIODO	164.671,77	32,8%	200.339,94	35,5%	21,7%	211.464,48	32,8%	5,6%

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Diante do quadro acima, ao analisar o Demonstrativo de Resultado, é possível perceber que as receitas de vendas aumentaram positivamente no período analisado. Os custos e despesas se mantiveram proporcionais a cada ano, não saindo muito da margem de um ano para outro, porém, se observarmos horizontalmente, os custos tiveram aumento de 24% do ano de 2014 para 2015 e as despesas também sofreram um leve aumento no mesmo período. Considerando o

crescimento das vendas, essa pequena elevação nos custos e despesas é esperado. Comparando com as receitas líquidas de vendas, o lucro do exercício de cada ano foi em torno de 32% e 35%, o que pode ser considerada uma boa margem.

4.3.2 Balanço Patrimonial

O Balanço Patrimonial apresenta a situação da empresa em determinada data mostrando seus bens, direitos e obrigações. O quadro 25 e 26 demonstram o BP da empresa dos anos de 2013, 2014 e 2015.

Quadro 25 – Balanço Patrimonial - Ativo

BALANÇO PATRIMONIAL								
	31/12/2013	A.V	31/12/2014	A.V	A.H	31/12/2015	A.V	A.H
ATIVO	653.830,27	100%	1.502.325,95	100%	129,8%	1.388.916,80	100%	-7,5%
CIRCULANTE	397.135,52	60,7%	443.051,70	29,5%	11,6%	314.028,83	22,6%	-29,1%
DISPONIBILIDADES	266.706,02	40,8%	187.624,32	12,5%	-29,7%	114.028,83	8,2%	-39,2%
CLIENTES	130.429,50	19,9%	255.427,38	17,0%	95,8%	200.000,00	14,4%	-21,7%
NÃO CIRCULANTE	256.694,75	39,3%	1.059.274,25	70,5%	312,7%	1.074.887,97	77,4%	1,5%
REALIZAVEL A LONGO PRAZO	-	0,0%	800.000,00	53,3%	-	800.000,00	57,6%	0,0%
EMPRESTIMOS	-	0,0%	800.000,00	53,3%	-	800.000,00	57,6%	0,0%
IMOBILIZADO	256.694,75	39,3%	259.274,25	17,3%	1,0%	274.887,97	19,8%	6,0%
APARELHOS E EQUIPAMENTOS	185.886,75	28,4%	187.619,25	12,5%	0,9%	196.319,25	14,1%	4,6%
VEICULOS	49.900,00	7,6%	49.900,00	3,3%	0,0%	49.900,00	3,6%	0,0%
MOVEIS E UTENSILIOS	9.310,00	1,4%	9.310,00	0,6%	0,0%	9.310,00	0,7%	0,0%
COMPUTADORES E PERIFERICOS	11.598,00	1,8%	12.445,00	0,8%	7,3%	12.445,00	0,9%	0,0%
CONSORCIOS	-	0,0%	-	0,0%	-	6.913,72	0,5%	100,0%

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Com base nos dados apresentados acima referente ao ativo da empresa, é possível observar que o total dos bens e direitos deram um salto do ano de 2013 para 2014. Isso se deve ao fato de a organização ter concedido um empréstimo para a abertura de uma nova rádio do grupo. Nota-se a diminuição dos valores disponíveis na conta bancária. Esse valor também foi utilizado para a abertura da nova empresa. Essa quantia emprestada para o novo empreendimento só retornará para a empresa quando o mesmo começar a gerar lucros. Nas contas a receber

observa-se o aumento significativo dos direitos no ano de 2013 para 2014 e a queda das mesmas no ano seguinte.

Quadro 26 – Balanço Patrimonial - Passivo

BALANÇO PATRIMONIAL								
	31/12/2013	A.V	31/12/2014	A.V	A.H	31/12/2015	A.V	A.H
PASSIVO	653.830,27	100%	1.502.325,95	100%	129,8%	1.388.916,80	100%	-7,5%
CIRCULANTE	87.470,11	13,4%	395.680,92	26,3%	352,4%	410.752,22	29,6%	3,8%
OBRIGAÇÕES DE CURTO PRAZO	87.470,11	13,4%	395.680,92	26,3%	352,4%	410.752,22	29,6%	3,8%
FORNECEDORES	31.532,45	4,8%	10.228,99	0,7%	-67,6%	10.607,55	0,8%	3,7%
EMPRESTIMOS	16.432,81	2,5%	339.946,71	22,6%	1968,7%	339.944,93	24,5%	0,0%
OBRIGAÇÕES SOCIAIS E FISCAIS	24.195,27	3,7%	29.063,64	1,9%	20,1%	40.418,64	2,9%	39,1%
FOLHAS DE PAGAMENTO	15.309,58	2,3%	16.441,58	1,1%	7,4%	19.781,10	1,4%	20,3%
NÃO CIRCULANTE	-	0,0%	339.944,93	22,6%	100,0%	-	0,0%	-
OBRIGAÇÕES DE LONGO PRAZO	-	0,0%	339.944,93	22,6%	100,0%	-	0,0%	-
EMPRESTIMOS	-	0,0%	339.944,93	22,6%	100,0%	-	0,0%	-
PATRIMONIO LIQUIDO	566.360,16	86,6%	766.700,10	51,0%	35,4%	978.164,58	70,4%	27,6%
CAPITAL SOCIAL	20.000,00	3,1%	20.000,00	1,3%	0,0%	20.000,00	1,4%	0,0%
CAPITAL	20.000,00	3,1%	20.000,00	1,3%	0,0%	20.000,00	1,4%	0,0%
RESERVAS	546.360,16	83,6%	746.700,10	49,7%	36,7%	958.164,58	69,0%	28,3%
RESERVAS DE LUCROS	546.360,16	83,6%	746.700,10	49,7%	36,7%	958.164,58	69,0%	28,3%

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Assim como no ativo, é possível observar no quadro acima que os totais de obrigações também elevaram significativamente de 2013 para 2014. Nesse período a empresa adquiriu um empréstimo para aplicação do valor na abertura da nova rádio do grupo. As obrigações fiscais aumentaram ao mesmo passo em que as dívidas com fornecedores diminuíram.

4.3.3 Fluxo de Caixa Indireto – FCI

O controle de Fluxo de Caixa é de suma importância para a administração de qualquer empresa, pois, através dessa ferramenta é possível ter um controle das entradas e saídas da organização em determinado período, possibilitando assim que a entidade possa planejar e tomar as decisões necessárias. A empresa, objeto de estudo, possuía um controle de Fluxo de Caixa bastante simples. Com os dados

coletados, foi possível elaborar o Fluxo de Caixa pelo método indireto dos anos de 2014 e 2015. O Fluxo de Caixa elaborado é mostrado no quadro 27.

Quadro 27 – Fluxo de Caixa Indireto

	2014	2015
Lucro Líquido Do Exercício	200.339,94	211.464,48
(+) Depreciação	17.832,81	15.614,28
(=) Lucro que afeta o Caixa	218.172,75	227.078,76
VARIAÇÕES DO CIRCULANTE	183.212,93	70.498,68
Varição de Contas a Receber	(124.997,88)	55.427,38
Varição de Fornecedores	(21.303,46)	378,56
Varição de Empréstimos	323.513,90	(1,78)
Varição de Obrigações Trabalhistas	1.132,00	3.339,52
Varição de Obrigações Sociais e Fiscais	4.868,37	11.355,00
Caixa Gerado nos Negócios	401.385,68	297.577,44
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS	(820.412,31)	(31.228,00)
Aquisição de novos Imobilizados	(20.412,31)	(31.228,00)
Empréstimos Concedidos	(800.000,00)	-
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS	339.944,93	(339.944,93)
Empréstimos e Financiamentos	339.944,93	(339.944,93)
RESULTADO FINAL DO CAIXA	(79.081,70)	(73.595,49)
(+) Saldo Inicial de Caixa	266.706,02	187.624,32
(=) Saldo Final de Caixa	187.624,32	114.028,83

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Assim, no FCI apresentado nota-se a significativa variação do contas a receber. Os financiamentos existentes na empresa foram para abertura de uma nova rádio para o grupo. Ocorreu uma variação considerável na conta de fornecedores e, no período apresentado também ocorreram compras de novos imobilizados.

4.4 ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA

Através dos dados coletados, foi possível efetuar a análise econômico-financeira da empresa pelos indicadores de desempenho. Para a elaboração dos cálculos, foram utilizadas informações dos demonstrativos contábeis.

4.4.1 Índices de Liquidez

As análises dos resultados obtidos serão apresentados através de gráficos. O quadro 28 mostra o cálculo realizado para apuração dos resultados dos índices de liquidez.

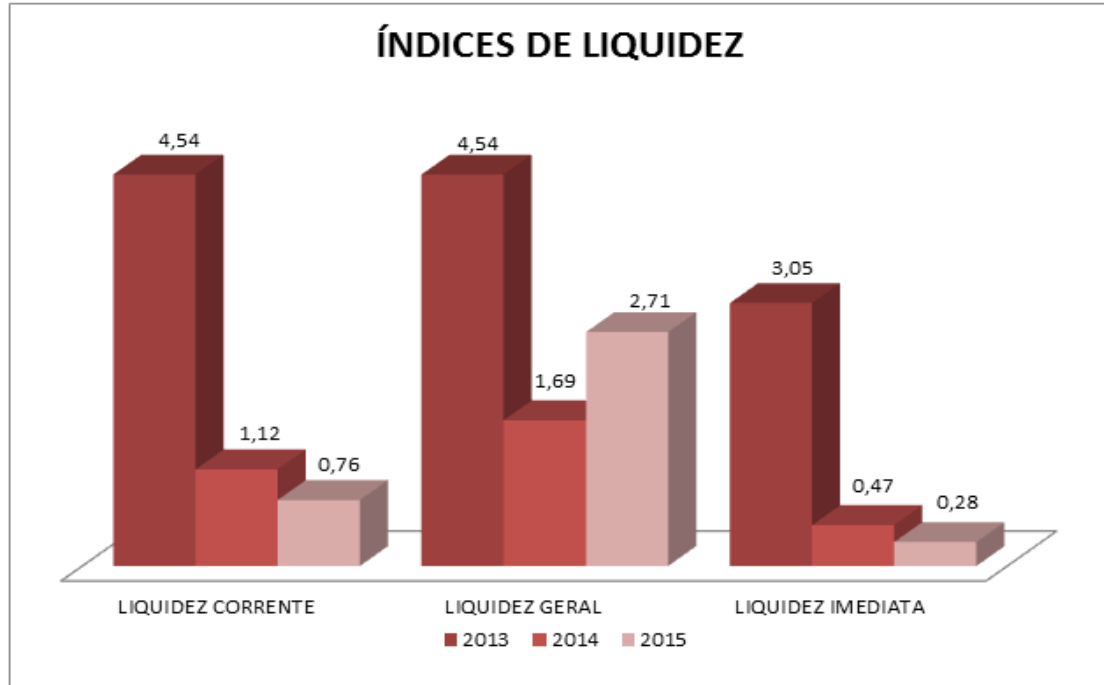
Quadro 28 – Cálculo Índices de Liquidez

	LIQUIDEZ CORRENTE	=	$\frac{\text{ATIVO CIRCULANTE}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$
2015	$\frac{314.028,83}{410.752,22}$	=	0,76
2014	$\frac{443.051,70}{395.680,92}$	=	1,12
2013	$\frac{397.135,52}{87.470,11}$	=	4,54
	LIQUIDEZ GERAL	=	$\frac{\text{A. C. + REALIZAVEL A LONGO PRAZO}}{\text{P. C. + EXIGIVEL A LONGO PRAZO}}$
2015	$\frac{1.114.028,83}{410.752,22}$	=	2,71
2014	$\frac{1.243.051,70}{735.625,85}$	=	1,69
2013	$\frac{397.135,52}{87.470,11}$	=	4,54
	LIQUIDEZ IMEDIATA	=	$\frac{\text{DISPONÍVEL}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$
2015	$\frac{114.028,83}{410.752,22}$	=	0,28
2014	$\frac{187.624,32}{395.680,92}$	=	0,47
2013	$\frac{266.706,02}{87.470,11}$	=	3,05

Fonte: Elaborado pela Autora (2016)

A figura 04 apresenta o gráfico dos índices de liquidez da entidade, demonstrando as variações ocorridas nos anos de 2013, 2014 e 2015.

Figura 04 – Gráfico Índices de Liquidez



Fonte: Elaborado pela Autora (2016)

O índice de liquidez corrente compara o ativo circulante e o passivo circulante da empresa considerando os estoques no cálculo. Como se percebe na figura acima, no ano de 2013 a empresa apresentava resultado de liquidez corrente de 4,54. Houve um declínio nesse resultado para 1,12 em 2014 e 0,76 em 2015, significando que a empresa inicialmente possuía uma boa folga financeira, que acabou decaindo nos anos seguintes. Sendo assim, evidenciou-se uma considerável queda na capacidade de pagamento da organização que apresentava situação confortável inicialmente e no último ano analisado não encontraria saldo suficiente para quitar com suas dívidas a curto prazo.

A liquidez imediata é a comparação entre as disponibilidades e o passivo circulante da organização. Essa medida indica quanto das obrigações a empresa consegue liquidar imediatamente. A empresa apresentava boa folga financeira no primeiro ano analisado, situação diferente nos anos de 2014 e 2015. Em 2013, para cada R\$ 1,00 de dívidas, a organização possuía folga de R\$ 2,05. Em 2014, a cada R\$ 1,00 de obrigações, teria apenas R\$ 0,47 disponíveis para pagamento. Logo, em 2015 para cada R\$ 1,00 de contas, a disponibilidade da empresa seria de R\$

0,28, ou seja, caso fosse necessário, a empresa não conseguiria sanar imediatamente suas obrigações a curto prazo nos dois últimos anos analisados.

A liquidez geral compara o ativo circulante somado ao realizável a longo prazo da empresa com seu passivo circulante somado ao exigível a longo prazo. A análise do indicador de liquidez geral da empresa demonstrou resultado de 4,54 em 2013; 1,69 no ano de 2014 e 2,71 em 2015. O resultado elevado no ano de 2013 se deu ao fato de, como o gestor do grupo já estava planejando a abertura da nova rádio, decidiu acumular os recursos possíveis na empresa objeto de estudo para aplicar no novo investimento. Apesar do excelente resultado no ano inicial, da queda em 2014 e da leve melhora em 2015, a empresa possui uma boa liquidez geral, considerando que os resultados de todos os anos são maiores que 1,00. Isso significa que a empresa possui mais bens e direitos do que obrigações em seu Balanço Patrimonial.

O índice de liquidez seca não se aplica a empresa estudada, pois, como a mesma não trabalha com estoques, o resultado é o mesmo do índice de liquidez corrente.

4.4.2 Índices de Endividamento

Os índices de endividamento indicam o grau de obrigações com terceiros da empresa. O quadro 29 apresenta o cálculo realizado para apuração dos resultados dos índices de endividamento.

Quadro 29 – Cálculo Índices de Endividamento

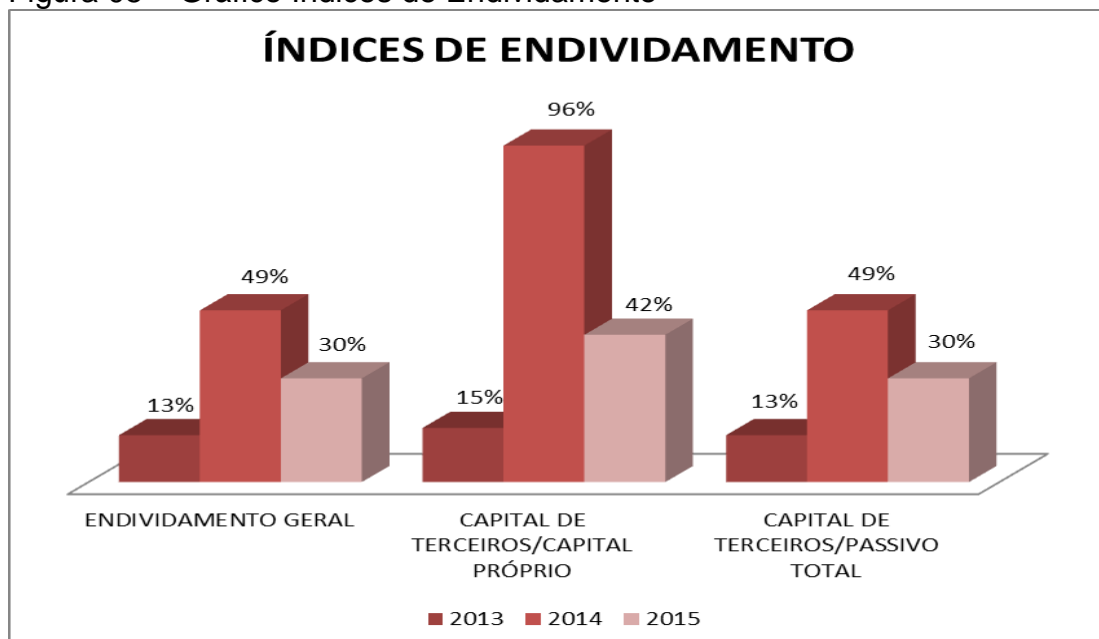
	ENDIVIDAMENTO GERAL	=	$\frac{\text{EXIGIVEL TOTAL}}{\text{ATIVO TOTAL}}$
2015	$\frac{410.752,22}{1.388.916,80}$	=	30%
2014	$\frac{735.625,85}{1.502.325,95}$	=	49%
2013	$\frac{87.470,11}{653.830,27}$	=	13%

CAPITAL DE TERCEIROS/ CAPITAL PRÓPRIO		=	<u>EXIGÍVEL TOTAL</u> PL
2015	<u>410.752,22</u> 978.164,58	=	42%
2014	<u>735.625,85</u> 766.700,10	=	96%
2013	<u>87.470,11</u> 566.360,16	=	15%
CAPITAL TERCEIROS/ PASSIVO TOTAL		=	<u>EXIGÍVEL TOTAL</u> PASSIVO TOTAL
2015	<u>410.752,22</u> 1.388.916,80	=	30%
2014	<u>735.625,85</u> 1.502.325,95	=	49%
2013	<u>87.470,11</u> 653.830,27	=	13%

Fonte: Elaborado pela Autora (2016)

A figura 05 demonstra no gráfico os índices de endividamento do período de 2013 a 2015 da empresa objeto de estudo.

Figura 05 – Gráfico Índices de Endividamento



Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

O endividamento geral demonstra quanto para cada real de ativo, a organização possui de obrigações totais. A entidade apresentou em 2013 R\$ 0,13 de endividamento geral. Esse número subiu em 2014 para R\$ 0,49 e decaiu R\$ 0,19 em 2015. Desse modo, podemos constatar sobre o período analisado, que o ano mais crítico para a organização foi em 2014. Porém, no ano de 2015, a empresa liquidou empréstimos e financiamentos, traçando uma trajetória para uma baixa margem de comprometimento de seu ativo.

O capital de terceiros em relação ao capital próprio mostra quanto do capital da empresa está comprometido com o capital de terceiros. No ano de 2013 a relação do capital de terceiros com o capital próprio da entidade era de apenas 15%. Esse índice subiu drasticamente em 2014, para 96% e decaiu para 42% no ano seguinte. Apesar de em 2014 a organização apresentar um índice mais elevado de comprometimento de seu capital com o capital de terceiros, em virtude da aquisição de empréstimos para a abertura de uma nova empresa, ainda assim, significa que a entidade não precisa de seu patrimônio líquido para honrar com suas obrigações.

Em relação ao Capital de Terceiros e Passivo total, observa-se no gráfico acima que o período em que a empresa mais utilizou recursos externos foi no ano de 2014 onde apresentou resultado de 49%. No ano de 2013 a empresa apresentou apenas 13% e no ano de 2015, 30%. Mesmo com o resultado mais elevado em 2014, considera-se que a empresa trabalha com poucos recursos de terceiros.

4.4.3 Índices de Rentabilidade

Os indicadores de rentabilidade apresentam aos sócios quanto o capital aplicado na empresa está rendendo. O quadro 30 apresenta o cálculo realizado para apuração dos resultados dos índices de endividamento.

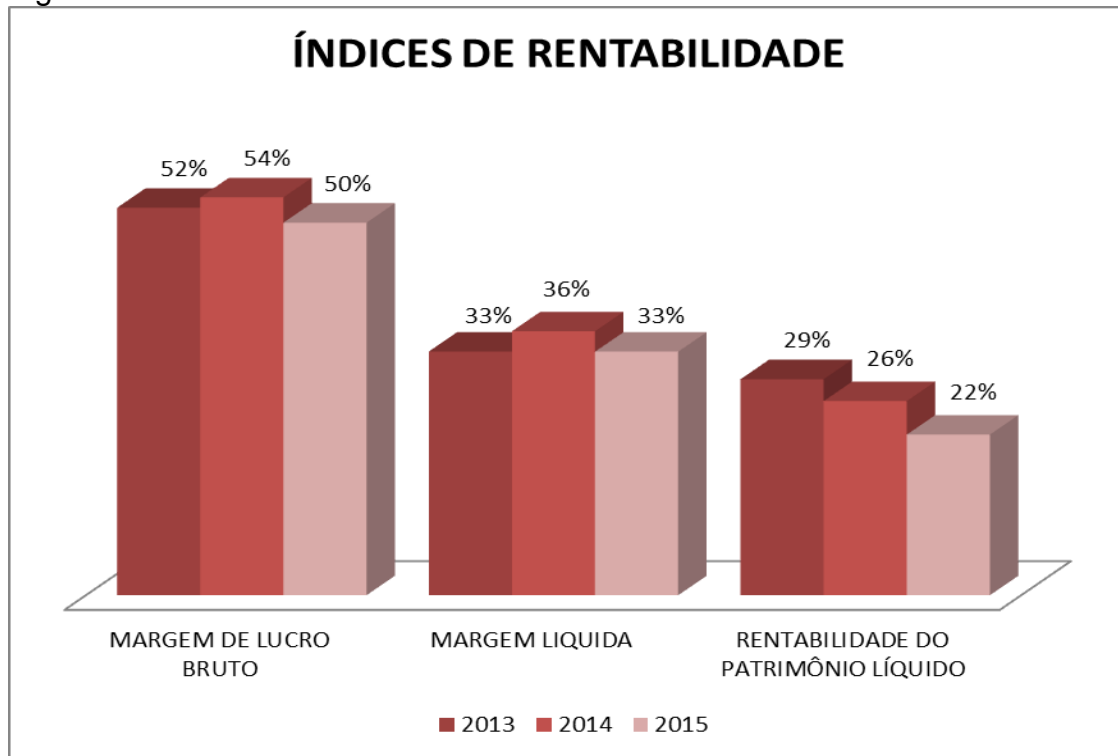
Quadro 30 – Cálculo Índices de Rentabilidade

MARGEM DE LUCRO BRUTO		=	$\frac{\text{LUCRO BRUTO}}{\text{RECEITA DE VENDAS}}$
2015	$\frac{349.666,43}{697.323,66}$	=	50%
2014	$\frac{325.691,24}{608.262,29}$	=	54%
2013	$\frac{283.102,07}{542.725,38}$	=	52%
MARGEM LIQUIDA		=	$\frac{\text{LUCRO LÍQUIDO}}{\text{RECEITA LIQUIDA}}$
2015	$\frac{211.464,48}{644.950,47}$	=	33%
2014	$\frac{200.339,94}{563.812,35}$	=	36%
2013	$\frac{164.671,77}{501.963,45}$	=	33%
RENTABILIDADE DO PL		=	$\frac{\text{LUCRO LÍQUIDO}}{\text{PATRIMONIO LIQUIDO}}$
2015	$\frac{211.464,48}{978.164,58}$	=	22%
2014	$\frac{200.339,94}{766.700,10}$	=	26%
2013	$\frac{164.671,77}{566.360,16}$	=	29%

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Na figura 06 é apresentado gráfico referente aos índices de rentabilidade da entidade.

Figura 06 – Gráfico Índices de Rentabilidade



Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A margem de lucro bruto indica quanto a empresa está ganhando de imediato em sua atividade, retirando apenas as deduções de vendas. Portanto, observando o gráfico acima se percebe que a empresa manteve praticamente o mesmo percentual de lucro bruto no período analisado, ficando entre 52% em 2013 e 50% no ano de 2015.

A margem líquida demonstra quanto está rendendo de lucros de acordo com suas vendas após as deduções das despesas e dos impostos. O resultado desse índice ficou entre 33% e 36%, indicando que a empresa não teve muitas variações de custos e despesas nesse período.

A rentabilidade do patrimônio líquido mensura quanto de retorno sobre o capital investido pelos sócios a empresa proporciona. O gráfico mostra que, no ano de 2013 o retorno sobre o patrimônio líquido foi de 29%. Em 2014, 26% e 2015 foi de 22%. Apesar da queda do percentual no decorrer dos anos, percebe-se que a empresa gera retornos para o capital aplicado e, considerando o tempo que a empresa está ativa, a mesma já conseguiu retornar o capital aplicado e agregou rendimentos aos sócios.

4.5 ANÁLISE DE CAPITAL DE GIRO

O capital de giro é de suma importância para qualquer empresa, pois garante sua continuidade. É necessário reclassificar o Balanço Patrimonial da empresa, objeto de estudo, através do Modelo Fleuriet conforme mencionado na teoria, para uma análise prática e minuciosa do capital de giro. O quadro 31 mostra a reclassificação do Balanço Patrimonial.

Quadro 31 – Reclassificação do Balanço Patrimonial Rádio XYZ

BALANÇO PATRIMONIAL			
	31/12/2013	31/12/2014	31/12/2015
ATIVO	653.830,27	1.502.325,95	1.388.916,80
ATIVO FINANCEIRO	266.706,02	187.624,32	114.028,83
DISPONIBILIDADES	266.706,02	187.624,32	114.028,83
ATIVO CÍCLICO	130.429,50	255.427,38	200.000,00
CLIENTES	130.429,50	255.427,38	200.000,00
ATIVO PERMANENTE	256.694,75	1.059.274,25	1.074.887,97
EMPRESTIMOS	-	800.000,00	800.000,00
IMOBILIZADO	256.694,75	259.274,25	274.887,97
PASSIVO	653.830,27	1.502.325,95	1.388.916,80
PASSIVO FINANCEIRO	16.432,81	339.946,71	339.944,93
EMPRESTIMOS	16.432,81	339.946,71	339.944,93
PASSIVO CÍCLICO	71.037,30	55.734,21	70.807,29
FORNECEDORES	31.532,45	10.228,99	10.607,55
OBRIGAÇÕES SOCIAIS E FISCAIS	24.195,27	29.063,64	40.418,64
FOLHAS DE PAGAMENTO	15.309,58	16.441,58	19.781,10
PASSIVO PERMANENTE	566.360,16	1.106.645,03	978.164,58
EMPRESTIMOS A LONGO PRAZO	-	339.944,93	-
CAPITAL SOCIAL	20.000,00	20.000,00	20.000,00
RESERVAS DE LUCROS	546.360,16	746.700,10	958.164,58

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Dessa forma, com o Balanço Patrimonial reclassificado, torna-se possível calcular o Capital Circulante Líquido, a Necessidade de Capital de Giro e o Saldo de Tesouraria da organização. Nessa reclassificação, o CCL é mensurado pela soma do ativo financeiro e ativo cíclico diminuído da soma do passivo financeiro e passivo cíclico, que são as contas operacionais. O quadro 32 demonstra a memória de cálculo do capital de giro e o quadro 33 traz a análise de capital de giro da entidade objeto de estudo.

Quadro 32 – Cálculo Capital de Giro Rádio XYZ

CCL = Ativo Circulante - Passivo Circulante			
2015	314.028,83 (-)	410.752,22	= -96.723,39
2014	443.051,70 (-)	395.680,92	= 47.370,78
2013	397.135,52 (-)	87.470,11	= 309.665,41
NCG = Ativo Operacional – Passivo Operacional			
2015	200.000,00 (-)	70.807,29	= 129.192,71
2014	255.427,38 (-)	55.734,21	= 199.693,17
2013	130.429,50 (-)	71.037,30	= 59.392,20
ST = CCL – NCG			
2015	(96.723,39) (-)	129.192,71	= -225.916,10
2014	47.370,78 (-)	199.693,17	= -152.322,39
2013	309.665,41 (-)	59.392,20	= 250.273,21

Fonte: Elaborado pela Autora (2016)

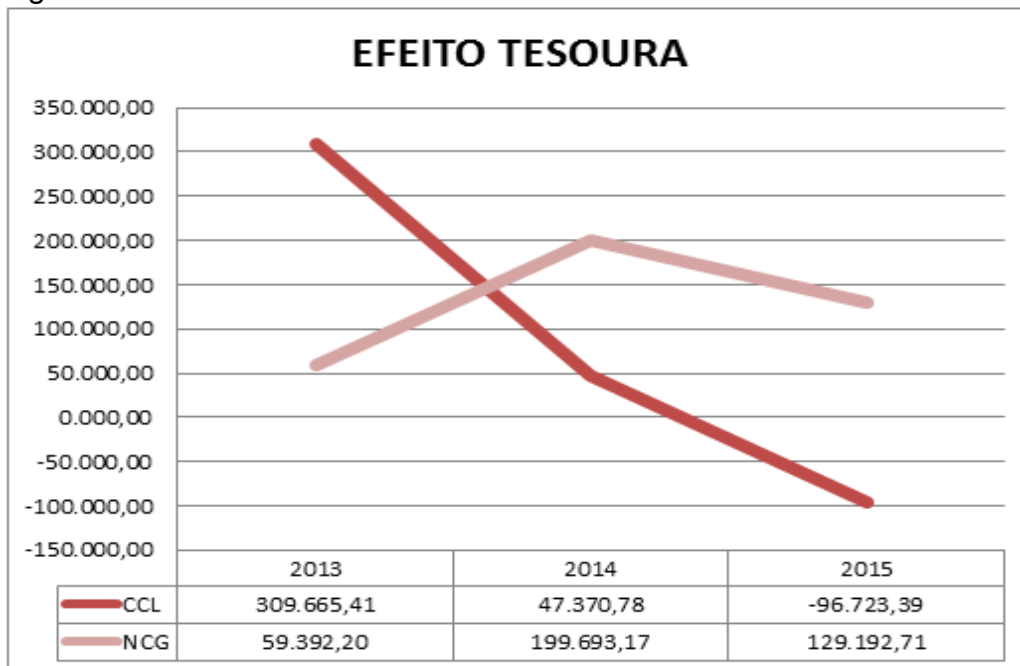
Quadro 33 – Análise de Capital de Giro Rádio XYZ

	2013	2014	2015
CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO	309.665,41	47.370,78	-96.723,39
NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO	59.392,20	199.693,17	129.192,71
SALDO DE TESOURARIA	250.273,21	-152.322,39	-225.916,10

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Assim, com os valores apresentados pela empresa, a Necessidade de Capital de Giro e o Capital Circulante Líquido acarretaram no efeito tesoura, conforme se observa na figura 07.

Figura 07 – Efeito Tesoura Rádio XYZ



Fonte: Elaborado pela Autora (2016)

Conforme visto na teoria, o efeito tesoura surge quando há sinais de desequilíbrio entre a Necessidade de Capital de Giro e o Capital Circulante Líquido. O CCL da empresa foi positivo nos anos de 2013 e 2014, ou seja, a entidade possuía folga em sua liquidez nesse período. O mesmo não ocorreu no ano de 2015, onde a organização encerrou seu exercício com Capital Circulante Líquido negativo. Nesse período a empresa apresentou empréstimos a curto prazo para financiar a abertura de uma nova emissora para o grupo e essa obrigação foi maior que seu retorno, o que acarretou em um aperto em sua liquidez.

A necessidade de capital de giro da organização estudada pode ser classificada como permanente, pois, seus níveis de vendas são lineares em todos os meses do ano. A organização apresentou resultado positivo nos três anos analisados, mostrando dessa forma que ela necessita encontrar opções adequadas de financiamentos para impulsionar suas finanças.

O saldo de tesouraria é a diferença entre o CCL e a NCG. No ano de 2013 a empresa apresentava ST positivo, possuindo recursos para honrar seus compromissos com folga financeira para financiar sua NCG. A situação ficou diferente nos anos de 2014 e 2015. A organização adquiriu empréstimo e usou suas reservas para financiar a abertura de uma nova rádio do grupo, valor este que será retornado quando a nova empresa começar a gerar lucros. Diante disso, seu ST

ficou negativo nesses anos, significando que, por conta da decisão tomada, a empresa ficou sem capital de giro para cumprir com suas obrigações, correndo assim, risco de insolvência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi elaborado com o intuito de demonstrar a importância da utilização de algumas ferramentas da contabilidade gerencial e os benefícios que as informações que essas ferramentas trazem na tomada de decisão. A relevância baseou-se em pesquisas bibliográficas acerca da contabilidade gerencial e algumas de suas ferramentas auxiliaadoras na organização das finanças das empresas.

Com vistas ao que este estudo se propõe, o objetivo geral deste trabalho foi identificar a contribuição das ferramentas da contabilidade gerencial para a melhora do desempenho econômico e financeiro de uma empresa do ramo de radiodifusão do sul catarinense. Tendo por finalidade apresentar as ferramentas e a importância da utilização das mesmas dentro da entidade. Tal objetivo foi alcançado através do estudo bibliográfico e posteriormente a aplicação do estudo de caso. Os três objetivos específicos traçados para alcançar o objetivo principal foram inteiramente realizados.

Assim, o primeiro objetivo específico desta pesquisa, a caracterização da análise econômico-financeira foi alcançado no capítulo 02, apresentando conceitos e definições da contabilidade gerencial e algumas de suas ferramentas para caracterização da análise econômico-financeira.

Por conseguinte, o segundo objetivo, discorrer sobre o Método Fleuriet na Gestão de Capital de Giro foi atingido também no capítulo 02 deste trabalho, pois, nesta etapa, foi apresentada revisão bibliográfica acerca do mesmo.

Por fim, o terceiro objetivo específico, de apresentar por meio do estudo de caso a aplicação do Fluxo de Caixa pelo método indireto e de índices econômicos e análise de desempenho de uma empresa de radiodifusão foi desenvolvido no capítulo 04. Desse modo, através dos dados coletados da empresa, aplicaram-se as fórmulas dos índices econômicos e a partir daí, foi realizado a análise de desempenho. Também foi elaborado o Fluxo de Caixa pelo método indireto.

Dessa forma, diante de todo o processo percorrido, conclui-se que a aplicação das ferramentas da contabilidade gerencial e do Método Fleuriet fornecem informações valiosas para a administração de qualquer empresa, pois, os dados extraídos darão o suporte necessário para a tomada de decisão. Apesar de a pesquisa ter se baseado em uma empresa do ramo de radiodifusão, as informações

que as ferramentas fornecem são de extrema importância para o controle das finanças de qualquer segmento, independente do porte da organização. Por fim, recomenda-se este estudo para próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e valor**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- ATKINSON, Anthony A. et al. **Contabilidade Gerencial**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- AZEVEDO, Reis Osmar. **DFC e DVA CPC-03: Demonstração dos Fluxos de Caixa e do Valor Adicionado, Método Direto e Indireto passo a passo**. 1. ed. São Paulo: IOB, 2008.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Gerencial, Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 1998.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1995.
- FLEURIET, Michel. **O Modelo Fleuriet**. 5ª ed. São Paulo: Campus, 2003.
- FIGUEIREDO, Sandra, CAGGIANO Paulo Cesar. **Controladoria Teoria e Prática**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 12. Ed. São Paulo: Pearson, 2010.
- GROPPELLI, Angélico A; NIKBAKHT, Ehsan. **Administração Financeira**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- HOJI, Masakazu. **Administração financeira: uma abordagem prática: matemática financeira aplicada, estratégia financeiras, análise, planejamento e controle financeiro**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- OLIVEIRA, Luís Martins de; PEREZ JR., José Hernandez; SILVA, Carlos Alberto dos Santos. **Controladoria estratégica: textos e casos práticos com solução**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- MÁLAGA, Flávio Kezam. **Análise de demonstrativos financeiros e da performance empresarial: para empresas não financeiras**. 2. Ed. São Paulo: Saint Paul Editora, 2012.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da**

Investigação científica para ciências sociais aplicadas. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATIAS, Alberto Borges. **Finanças corporativas de curto prazo.** São Paulo: Atlas, 2007.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORANTE, Antônio Salvador. **Análise das demonstrações financeiras: Aspectos contábeis da demonstração de resultado e do balanço patrimonial.** São Paulo: Atlas, 57 2007.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Introdução à Administração Financeira: textos e exercícios.** 2ª Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHIER, Carlos Ubiratan da Costa. **Controladoria: Como instrumento de gestão.** 1. Ed. Curitiba: Juruá, 2008.

SILVA, Alexandre Alcântara da. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis.** São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas: guia sobrevivência empresarial.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SILVA, Marise Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. **Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II.** Florianópolis: Udesc, 2002.

SOUZA, Acilon Batista de. **Curso de Administração financeira e Orçamento: Princípios e Aplicações.** São Paulo: Atlas, 2014.

SOUZA, Luiz Carlos de. **Controladoria: Aplicada aos Pequenos Negócios.** 1. Ed. Curitiba: Juruá, 2009.

SOUZA, Luiz Eurico de. **Fundamentos da contabilidade gerencial: Um instrumento para agregar valor.** Curitiba: Juruá, 2008.

AS RECEITAS da indústria de Radiodifusão. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/webindex.phpdados-do-setorestatisticasfaturamento-do-setorestatisticasfaturamento-do-setor>> Acesso em 22 Ago. 2015.

BRAGA, Roberto. OLIVEIRA, Ana Carla Moraes de. **Influência do modelo Fleuriet na geração de valor econômico agregado nas empresas do setor varejista e de**

transportes.

Disponível

em:

<<http://www.a7consultoria.com.br/arquivo/1077644edd.pdf>> Acesso em 18 Ago. 2016.